ILUSTRAÇÃO

16-FEVEREIRO-1939 N.º 316 — 14.º ano PREÇO-5 escudos

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de JULIO VERNE distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de lotaria n.º 9:672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.

60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

81 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

82 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores

Páginas magníficas sôbre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, **Esc. 3$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**; *enc.,* **Esc. 20$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

O que há no vosso Horoscopo

Não desejaria saber sem que nada lhe custe, o que indicam as estrêlas relativamente ao seu futuro; se a fortuna, a prosperidade e a felicidade acompanharam a V.; o que se refere aos seus negócios, amor, casamento, amigos, inimigos, viagens, doenças, períodos de sorte e de azar; as catástrofes a evitar, as oportunidades a aproveitar e qualquer outra informação de indiscutível interêsse para si? Eis aqui uma ocasião para obter uma delineação gratuíta de conformidade com o método mestre ROXROY para Previsões astrológicas.

Professor ROXROY Inventor do método mestre para Previsões astrológicas.

Peça a sua leitura gratuíta imediatamente.

Poderá revelar factos espantosos que trazer-vos-ha a felicidade e a prosperidade.

Basta que envie o seu nome e direcção completos e legíveis dizendo se é Sr. ou Sr.ª, Sr.ta e a data exacta do seu nascimento. Não precisa mandar dinheiro, mas se quizer pode incluir 2$50 para cobrir as despezas de porte. Não guarde para amanhã, escreva já.

ENDEREÇO:

ROXROY STUDIOS, Dept. 6602E, Emmastraat 40-42, A Haya, Holanda

Sêlo na sua carta para Holanda é 1$75

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**

Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**

Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

Acaba de aparecer:

DESPORTOS EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTADO

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch..... **8$00**
Pelo correio à cobrança..... **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

16-FEVEREIRO-1939
N.º 316 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A MORTE DE SUA SANTIDADE O PAPA PIO XI

Sua Santidade o Papa Pio XI, 265.º sucessor de S. Pedro, entrando procissionalmente na grande basílica do Vaticano

OS MEANDROS DA ESPIONAGEM

Durante os pavorosos tempos da Grande Guerra

O Serviço de Informação Naval da Grã-Bretanha possuíu durante a Grande Guerra informações rigorosas a respeito do rumo que os barcos alemães tomavam; conhecia a localização exacta das minas lançadas ao mar e seu campo de acção e estava de posse do código secreto da armada alemã. A informação provinha de fontes que permaneciam secretas, às vezes até para os próprios oficiais britânicos, e era tão rápida e segura que sucedia, em determinadas ocasiões, serem as minas destruídas pelos barcos aliados, 24 horas depois de terem sido lançadas ao mar.

Em regra era o Serviço Secreto Britânico que informava o Almirantado e êste manteve o sigílio durante um largo espaço de tempo, até que por fim revelou ao mundo um capítulo emocionante da história da informação secreta oficial.

Em 1914 havia na armada britânica um mergulhador de nome Miller, profundo conhecedor do seu ofício, de uma grande coragem fleugmática, que podia suportar as pressões atmosféricas no fundo do mar com maior resistência do que qualquer outro mergulhador. Os seus actos de arrojo e serenidade eram admirados, tanto por outros mergulhadores, seus discípulos, como pelos oficiais. Um dia o almirantado encarregou-o de investigar àcerca de um dos célebres barcos alemães U, que tinha sido metido a pique e do qual era necessário conhecer determinadas peças das máquinas.

Miller mergulhou e descobriu o barco; penetrou no interior e com o auxílio da sua lâmpada eléctrica examinou. Deparou-se-lhe a porta do compartimento destinado aos oficiais; arrombou-a e encontrou um cofre de ferro cuidadosamente fechado e trouxe-o para a superfície das águas. Continha livros e alguns papéis soltos; os livros constituiam dois códigos secretos usados na marinha de guerra alemã e ainda outro destinado à transmissão de comunicações com a esquadra do alto mar; os papéis soltos tinham relação com um campo de acção de determinadas minas de explosão que haviam sido colocadas apenas três dias antes.

Foi grande a surprêsa dos oficiais, que não esperavam obter tão boa colheita, em virtude da qual se decidiu organizar imediatamente uma esquadrilha de aviões, com os competentes mergulhadores, pronta a partir para qualquer ponto das costas da Grã-Bretanha, onde se tivesse afundado algum submarino inimigo.

Alguns dias mais tarde foi afundado outro barco alemão também do tipo U perto das costas britânicas e a esquadrilha partiu ràpidamente para o local apontado. Miller mergulhou novamente e como reconhecesse a impossibilidade de penetrar no casco, preparou o necessário, com os dispositivos que levava, para fazer explodir o barco; subiu, provocou a explosão e outra vez mergulhou.

Foi-lhe fácil então, entre os destroços, encontrar outro cofre de ferro semelhante ao primeiro; prendeu-o ao cabo e mandou içar. A caixa continha vários novos códigos e indicações para a colocação de dois campos completos, que deveriam ficar juncados de minas. A surprêsa que estas descobertas causaram no almirantado produziu grande sensação e, daí em diante, o mergulhador Miller descia à exploração de todos os submarinos afundados, no intuito de encontrar novos cofres ou outras peças reveladoras dos planos do inimigo.

Miller explorou nada menos de sessenta submarinos atirados ao fundo, sempre em busca dos códigos secretos, porque êstes eram alterados amiudadas vezes, com o receio de serem apanhados pela marinha britânica e em busca também de indicações a respeito da colocação das minas. A maior profundidade a que Miller desceu, na sua caça ao submarino alemão, foi aproximadamente de oito mil metros; as descrições feitas por êle àcerca dêsse trabalho no profundo do mar, são empolgantes, como uma novela de detectives. Muitas vezes, já cansado, ao fim de horas, voltava à superfície sem ter conseguido localizar o barco perdido.

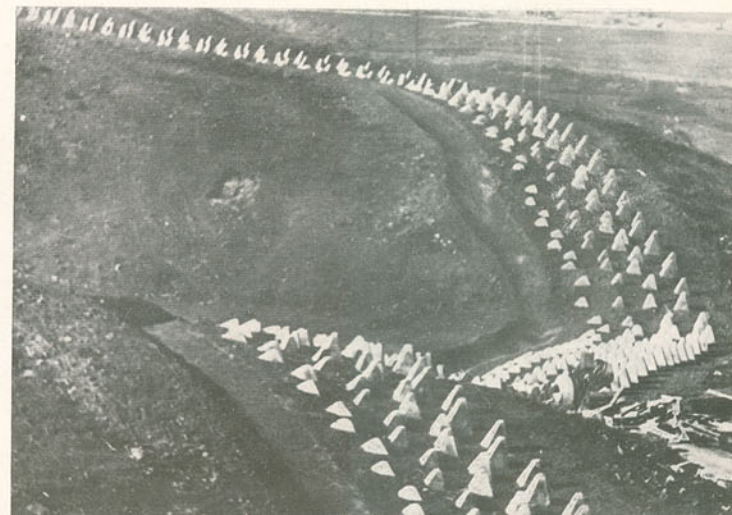
Ora arrastando-se por entre os mais fantásticos habitantes das profundezas, ora percorrendo extensas planícies de areia ou emaranhados campos de vegetação marinha, passava horas na solidão e no perigo sem conseguir o objectivo. Em alguns barcos explorados reconheciam-se vestígios de revolta a bordo, porque os cadáveres do comandante e oficiais indicavam que êstes haviam sido assassinados por uma tripulação sublevada. Houve um barco U que revelou uma cena misteriosa: tôda a tripulação era composta ùnicamente de oficiais com as suas bagagens. Abriu algumas das malas e verificou com surprêsa que estas continham fatos de civil, camisas, colarinhos e gravatas muito elegantes, sapatos de polimento, dinheiro em libras esterlinas e emfim todos aqueles pequenos objectos necessários ao indivíduo, que se veste com elegância e esmero. A intenção misteriosa de tripulação de tal sorte composta era certamente a de desembarcar em algum ponto das costas da Inglaterra e abandonar o barco; mas o fim que êsses homens teriam em vista é ainda hoje misterioso. Tratar-se-ia de um arrojado golpe de espionagem? O Serviço Secreto de Informação da Grã-Bretanha ainda não encontrou, até hoje, a solução plausível do mistério.

Parece à primeira vista que essa solução, passado já algum tempo, não deve ter importância, mas aquele Serviço Britânico não é dêsse parecer; em casos idênticos, a busca às vezes não termina senão ao cabo de alguns anos. Há detalhes de informação que, à primeira vista, parecem não conter qualquer interêsse, mas o Serviço não despreza nada; tudo colige, tudo classifica até que um dia surge uma informação que vem engrenar-se nas outras e completar o seu sentido. O Serviço Secreto de Informação Britânico ou em inglês "The British Intelligence Secret Service» é o mais antigo e o mais bem organizado das nações da Europa. As descobertas dos códigos do mergulhador Miller deram a êsse Serviço, durante a guerra, informações de altíssimo valor, que ninguém sabia donde provinham, porque a alma daquele Serviço é o segrêdo.

Miller continuou o seu trabalho de explorador do fundo dos mares, até ao armistício; o seu trabalho, porém, não se cingiu ao fornecimento de informações de uma grande utilidade para a sua pátria: ajudou também a trazer à superfície das águas cinco milhões de libras esterlinas arrancadas, entre outros, ao navio afundado de nome "Laurentic». O mergulhador e os seus colaboradores trabalharam durante um período de três anos e enquanto o inimigo colocava minas sem cessar e aqueles as iam destruindo, traziam ao mesmo tempo à superfície riquezas incalculáveis em ouro.

O rei Jorge V, uma vez terminada a Grande Guerra, mandou vir ao palácio de Buckingham, Miller e sua esposa; o mergulhador, em termos singelos e comovedores, narrou ao rei algumas das suas corajosas proezas. O rei, que o havia interrogado com interêsse, escutou maravilhado, as narrativas do homem corajoso que tamanhos serviços havia prestado à sua pátria e galardoou-o com as insígnias honrosas a que os seus altos feitos davam direito.

ADOLFO BENARÚS.

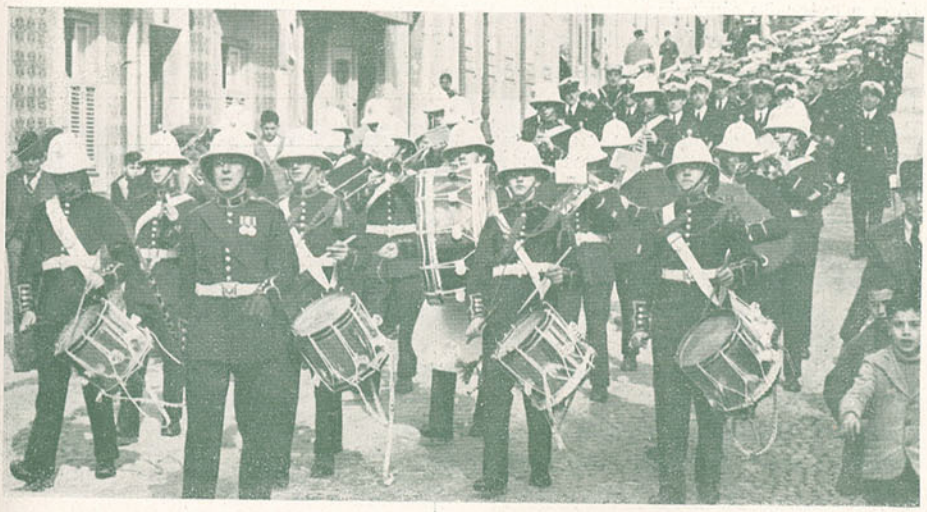


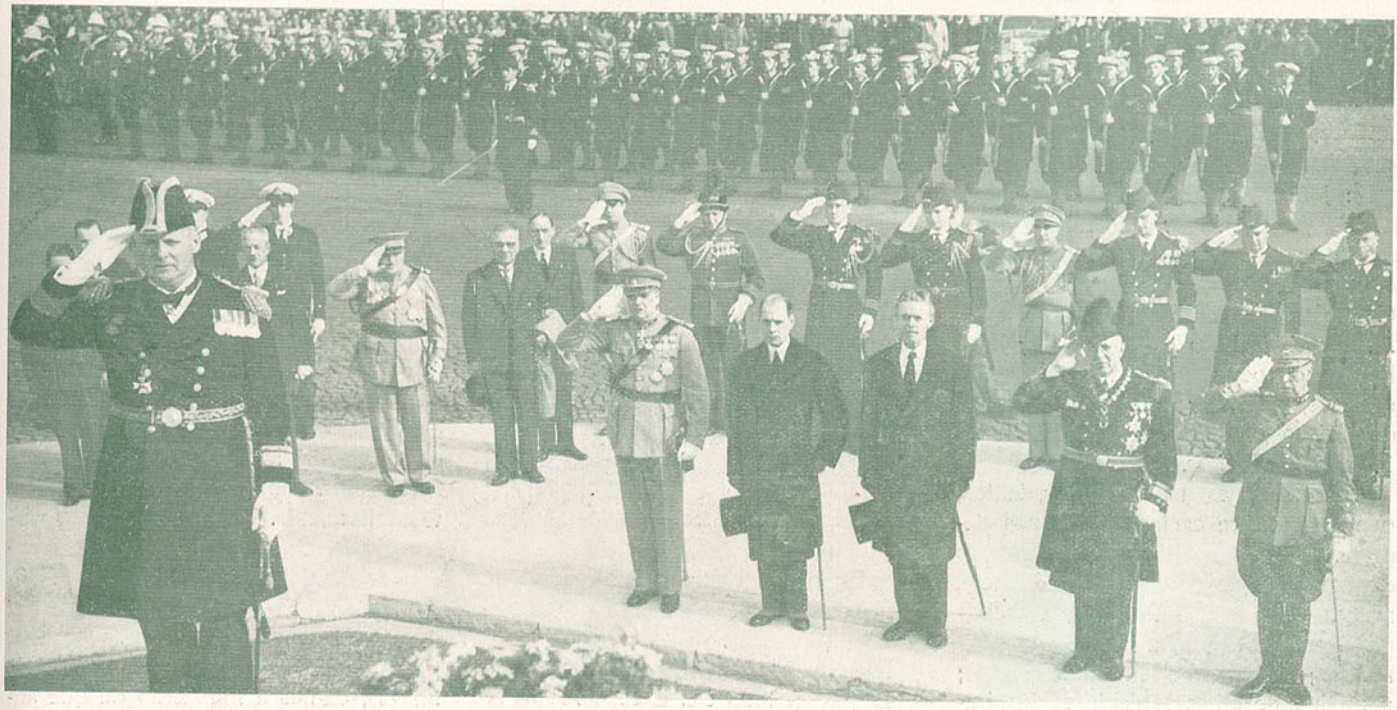
ACTUALIDADES DA QUINZENA

Em cima, à direita: Aspecto da romagem às sepulturas das vítimas da revolução de Fevereiro no Pôrto. — *À esquerda:* O sr. general Amilcar Mota depondo flores no túmulo dos mortos. — *Ao centro:* O sr. general Amilcar Mota, representante do Chefe do Estado, o sub secretário de Estado da Guerra e outras entidades oficiais que assistiram à homenagem da Guarnição Militar de Lisboa aos mortos do "7 de Fevereiro"

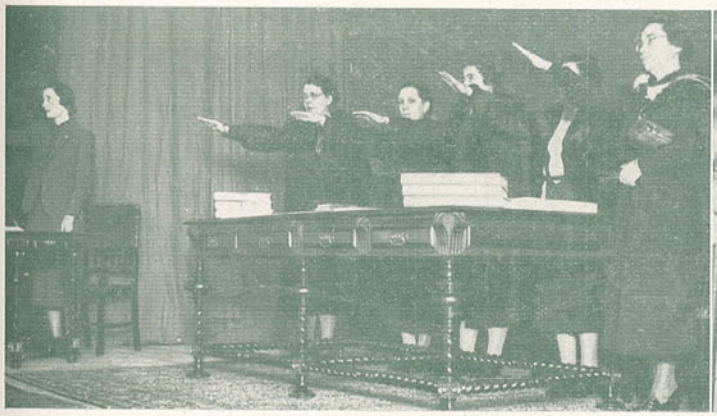
A esposa e filha do Chefe do Estado, capitão Silva e Costa, senhoras de Abreu Nunes e de Carlos Gomes, coronel Lobo da Costa, tenente-coronel Pereira Passos, tenente-coronel Silva Dias e outras entidades observando as raposas abatidas na caçada na Quinta da Marinha em Cascais

ECOS DA QUINZENA





Em cima, à esquerda: o contingente da Marinha britânica que assistiu à missa no templo inglês por alma dos Mortos da Grande Guerra. — *A' direita:* o sr. general Daniel de Sousa entregando a caravela de filigrana da Liga dos Combatentes ao almirante inglês, a bordo do «Southampton». — *Ao centro:* o almirante Collins e a oficialidade portuguesa e britânica em continência diante do monumento aos Mortos da Grande Guerra



No liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, a mesa que presidiu à sessão solene para distribuição de prémios às alunas, no momento em que era cantado o hino da «Mocidade Portuguesa», vendo-se á esquerda a sr.a D. Dulce de Carvalho que discursou. — *A' direita:* o senhor Cardial Patriarca no «Te Deum» celebrado na igreja de S. Domingos por motivo do aniversário da eleição de Sua Santidade

Terra do Algarve — berço de artistas

UMA GRANDE BARRISTA DE S. BRÁS DE ALPORTEL

A artista D. Rosalina de Passos

Diz-se que o Algarve é terra de artistas, principalmente de poetas. Não há dúvida. Temos todos de concordar em que assim é. Alguns nomes: João de Deus, o inimitável poeta do *Campo de Flores;* João Lúcio, que a morte levou cedo; Mateus Moreno, que demora em terras africanas; Cândido Guerreiro, o mestre sonetista, autor do *Promontório Sacro* e de *Sonetos;* Júlio Dantas, o poeta e o escritor consagrado entre os primeiros; Bernardo de Passos, o mavioso poeta do *Adeus*, do *Grão de Trigo* e do *Refúgio.*

E, como êstes, tantos outros, tantos, que no Algarve cantam as mouras encantadas, as noivas da lenda; o mar, o oceano em que se debruça a formosa zona sul do nosso Portugal, a convidar-nos à aventura, a ignotos cometimentos; o céu com o seu azul sem igual; a mulher de olhos sonhadores, inspiradora de grandes paixões; a paisagem de extraordinária beleza, das amendoeiras em flor, manto sem fim de imaculada brancura a envolver e a perfumar quási tôda a extensão algarvia.

É notável o contraste entre a alvura das amendoeiras e o verde-escuro das frondosas alfarrobeiras, entre a suavidade dêsse manto ideal e a tristeza trágica das figueiras, nesta época do inverno, que, nuas, despidas, se contorcem, erguendo braços súplices, a rogar perdão, ou se lançam, se prostram por terra como a pagar promessa devida, desde séculos, ou em penitência longa, muito longa, por pecados não remidos — as pobres figueiras que no verão se transformam em exuberante riqueza.

Mas na formosa terra do sul há um rincão que é surpreendente, que encanta

A roda do Tempo

a todos que por ali passam e admiram a sua paisagem e lhe desfrutam o maravilhoso panorama.

Êste rincão é S. Brás de Alportel, viçoso jardim todo êle. E se subirmos ao

Quatro barros expressivos

O segrêdo da avózinha

Alto da Judeia, donde se goza uma deslumbrante vista, ou galgarmos o monte do Castelo ou mais acima aos moínhos da Fonte da Murta, depara-se-nos soberba paisagem de notável colorido e vasto horizonte. Todos os campos, várzeas ou outeiros, estão cultivados, tratados com carinho, e profusamente dividida a propriedade, cada um trata da sua fazenda caprichosamente. Caminhar pelas estradas sambrasenses, pelas azinhagas, dá-nos a impressão de que andamos por entre jardins. As flores debruçam-se das janelas das casas brancas, muito brancas de cal.

Foi ali que nasceu e viveu, e ali jaz, o grande poeta Bernardo de Passos. Lírico por natureza, cantou o amor simples, a paixão-sentimento, a rapariga de olhos negros e a graça do seu andar. Cantou os pobrezinhos, sentindo o mal tormentoso dos infelizes, soltou hinos à Natureza, ao grão de trigo côr de oiro, luar em pó... Sorriu em versos cândidos às crianças, trinou saudações poeticas às avezinhas.

Essencialmente poeta, Bernardo de Passos, era dos homens mais sãos, de alma mais pura que é possível encontrar. Já lhe chamaram Santo Bernardo. E com razão.

Extase

Não quis sair da sua adorada aldeia e embora parte da sua vida em Faro, para ela fugia sempre, pois só se sentia bem em contacto com os seus, os humildes e camponeses.

Evitou assim a fama, a glória, que em regra, só se encontra, só se alcança nos grandes centros de civilização.

Camponesa algarvia

Os seus versos andam cantados pela bôca do povo:

Eu não sei quem fez o fado,
Mas disto tenho a certeza
Quem lhe deu esta tristeza
Amou e não foi amado.

A gente, ao ver-te, adivinha
Que há no pomar do teu seio
Dois limõezinhos côr de oiro,
Co'os seus biquinhos no meio

Gosta a hera das ruínas,
Abraça-as na solidão
Oh saudade és para os tristes
A hera do coração!

E como estas, tantas outras redondilhas.

Pois êste poeta pertence a uma família privilegiada, a quem, certamente, tocou a Fada protectora da Arte. Quatro irmãos, quatro artistas.

Ele, artista por excelência, como vimos; e seu irmão Boaventura foi jornalista e escritor distinto, deixando alguns romances inéditos, escritos em rica linguagem de cunho regionalista. Ambos já mortos e recordados saudosamente.

As duas irmãs, felizmente vivas, dão justo contributo para o templo da Arte.

D. Virgínia, cultiva a pintura com esmero. Tem quadros de concepção internacional, produto da sua imaginação viva, forte, criadora de expressões alegóricas de alto e transcendental espírito.

D. Rosalina de Passos, é uma barrista de grandes merecimento, como o denunciam os trabalhos que reproduzimos. Possuidora da fina sensibilidade feminina, modela o barro admiràvelmente, imprime-lhe expressão, empresta-lhe vida, comunica-lhe alma. Dedicou-se aos bustos, e muitos dêles são obras de feliz concepção.

Como sua irmã, não teve escola, não teve escola, não aprendeu com mestres, mas as suas mãos lidam o barro à vontade, dão-lhe a plasticidade que a sua inspiração pretende. É artista nata, veio-lhe no sangue o talento, o gôsto que transmite aos seus trabalhos.

Note-se que a artista escolhe, de preferência, modelos populares, estuda as figuras suas conhecidas, regionais. Essa cabeça de rapariga camponêsa é admirável, como o é o *Segrêdo da Avòzinha*, em que até se divisa cuidado no pormenor. O *Sofrimento*, vinca bem a dôr que representa; e assim todos os outros.

Seguindo a velha tradição cristã, que

Presépio

anima o povo, a artista também tentou o *Presépio*, e há pouco modelou em barro, a tamanho natural, as três figuras da Sagrada Família, das quais o S. José nos parece mais bem concebido, aliando ao ser humano a unção mística que cabe ao pai de Jesus.

Prestamos gostosamente justiça à inspirada e quási ignorada barrista algarvia e incitamo-la a que continue a produzir e venha expor os seus belos trabalhos a Lisboa.

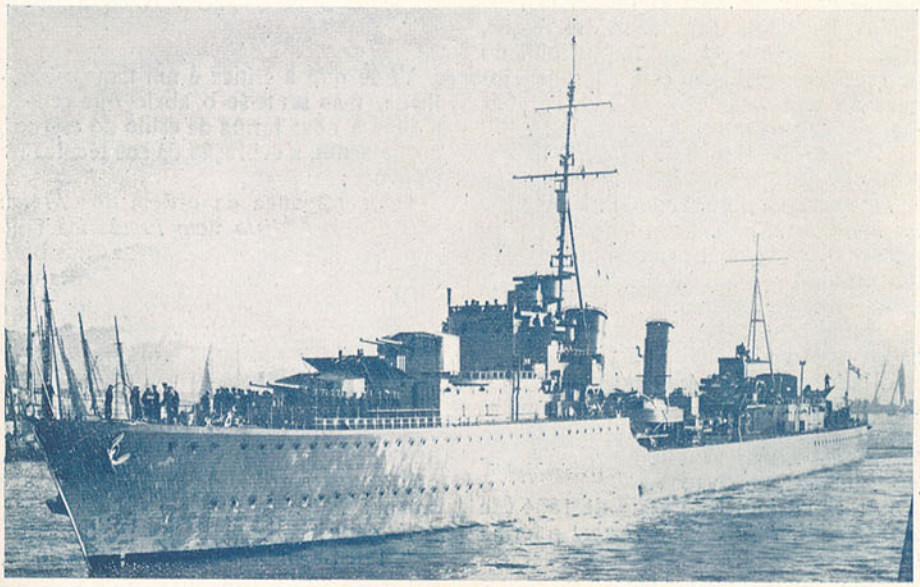
Costa Leão.

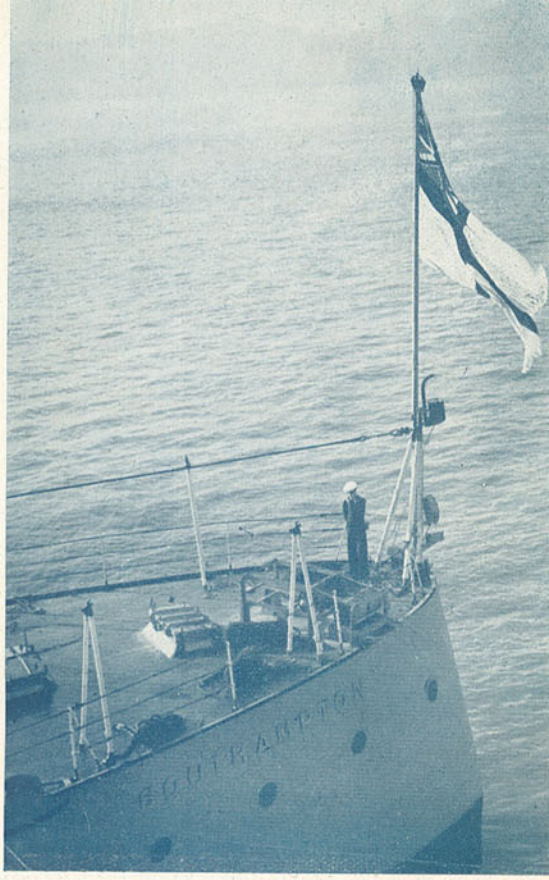
Beethoven

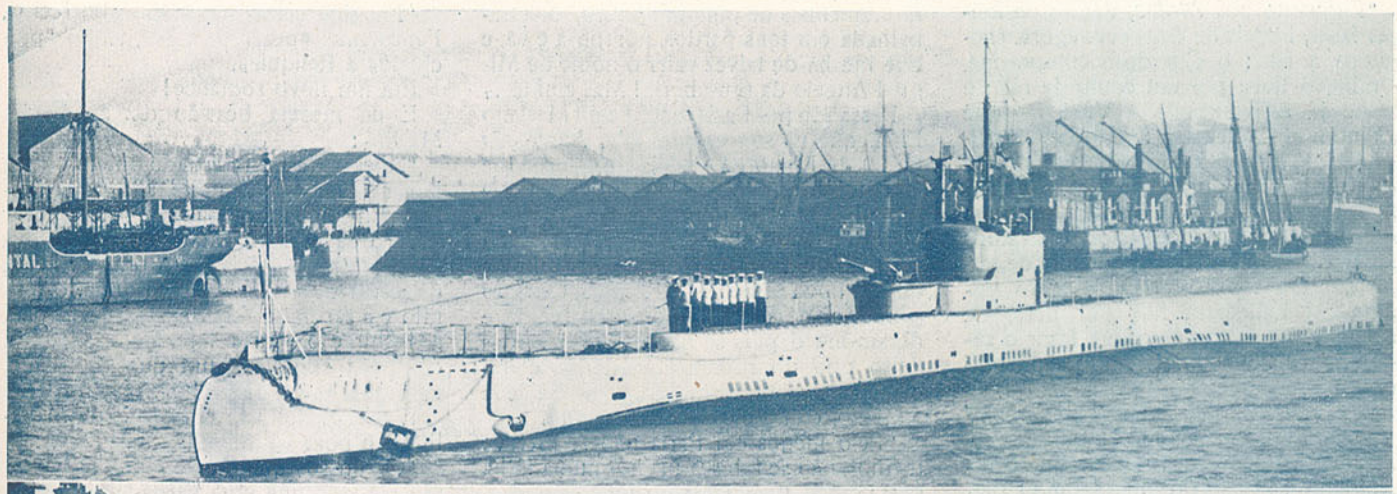
NOTÍCIAS DA QUINZENA

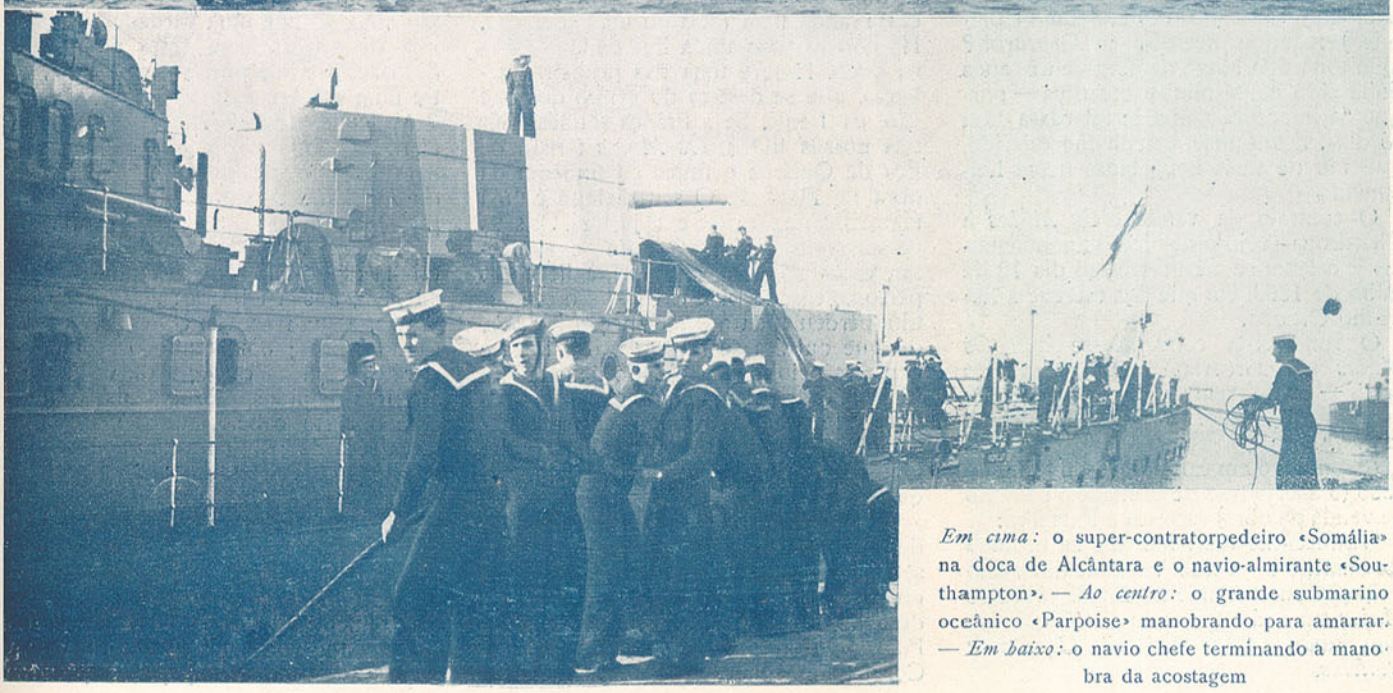
O grupo folclórico de Monsanto, a «aldeia mais portuguesa de Portugal» visitando a Câmara Municipal de Lisboa. — *Ao centro:* os srs. Presidente da República e do Conselho, membros do Govêrno e outras entidades, visitando o novo bairro de moradias para gente pobre inaugurado na Quinta da Calçada. — *Em baixo:* a inauguração da Sala «Nobre Guedes» na Escola Industrial Machado de Castro.

A ESQUADRA INGLESA NO TEJO









Em cima: o super-contratorpedeiro «Somália» na doca de Alcântara e o navio-almirante «Southampton». — *Ao centro:* o grande submarino oceânico «Parpoise» manobrando para amarrar. — *Em baixo:* o navio chefe terminando a manobra da acostagem

Eça de Queiroz quando escreveu «Os Maias»

NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIROZ

De como escreveu "Os Maias" e "A Relíquia"

II

É do Pôrto, com data de 12 de Julho de 1883, que Eça escreve ao seu amigo e sócio Ramalho Ortigão:

"Enquanto aos *Maias*, depois de longas fases, inuteis de descrever agora, chegamos a isto: o Chardron compra-me, a mim, o livro por um conto de réis; e desde já o reembolsa a Você do que adiantou ao Lallemant. Seria longo explicar-lhe tôdas as razões porque aceitei esta proposta: — mas não quero deixar de lhe dizer que o Chardron me provou que o preço que nós estávamos dando ao Lallemant pelo trabalho de impressão era fantástico. O primeiro volume no Lallemant fica por perto de 800$000! Chardron tenciona fazer o segundo por 350$000! E compreendendo neste último preço — os *extras de correcções e revisões, por maiores que sejam!* Estávamo-nos arruinando. Foi bom parar. Quere Você agora saber o que o infamíssimo Silva (ou o infamíssimo Lallemant) mandou declarar ao Chardron? Que tôda esta longa demora de três anos tinha sido culpa minha exclusiva — porque "a imprensa nunca se retardara dum só dia". Estou quási a pedir-lhe, querido, que me dê duas bengaladas nesse Lallemant."

O contrato da venda d'*Os Maias* a Chardron — vejo-o nos meus apontamentos — celebra-se nêste mesmo dia 12 de Julho de 1883, em que Eça escreve a Ramalho Ortigão.

O romancista convencia-se que *Os Maias* não tardariam, agora, a sair do prelo — como sempre iludindo-se com as suas fôrças, as suas possibilidades de *concluir*...

Assim, logo em carta de 18 de Julho de 1883 (6 dias depois de assinado o contrato de venda da obra) escrevia a Ramalho:

"Esqueci-me dizer-lhe que eu prometi ao Chardron — como Você me tinha dito — que a sua reclame no Brazil sôbre os *Maias* ficava ás ordens do dito Chardron, bem como os bons ofícios da *Gazeta de Notícias*.

"Agora peço-lhe que anuncie *(Diário de Notícias* parece-me um competente órgão) a venda dos *Maias* ao Chardron por um conto de réis. Se Você entende, ponha *dois*. Talvez a verdade seja preferivel — para não desgostar a alma de Epaminondas. Chardron implora esta reclame».

Mas, logo dois dias depois, refere que, estando doente, e por isso impossibilitado de regressar imediatamente como tencionava ao seu consulado, se dera a trabalhar — imaginam que n'*Os Maias?*:

"Remeto-lhe amanhã *Mistérios da Estrada de Sintra*, emendado, *quási refeito. Je me suis tenu à quatre pour ne pas faire un nouveau roman.* Fatal tendência para refazer livros velhos! Também lhe mando um prólogo — a que Você ajuntará o que a sua veia lhe inspire».

Quanto aos *Maias*, Eça vai levar a faze-los e refaze-los mais 4 a 5 anos...

E isto sem o infamissimo Lallemant e o infamissimo Silva!

E os seus amigos, por mais de uma vez, terão a impressão de que a sorte d'*A Capital* lhe está reservada...

Em carta de 10 de Maio de 1884 (de Angers, *Hotel du Cheval Blanc)* informa Oliveira Martins:

"Eu continuo com *Os Maias*, essa vasta *machine*, com proporções enfadonhamente monumentais de pintura a *fresco*, tôda trabalhada em tons pardos, pomposa e vã, e que me ha-de talvez valer o nome de Miguel Angelo da sensaboria! Mas emfim...»

Passando por Paris, esteve com Mariano Pina, que na sua crónica d'*A Ilustração* de 20 de Junho dá notícia de que êle lhe lera dois capítulos do romance, e no n.º seguinte, de 5 de Julho, discreteia:

"Eça de Queiroz leu-me, ha pouco tempo, aqui em Paris, alguns capítulos do seu novo romance *Os Maias*. Quando o livro aparecer, leiam-no serenamente, e digam-me depois se não é êsse o verdadeiro tipo do romance moderno, como êle deve ser compreendido, como êle deve ser feito, como êle deve ser escrito.

"Pelo menos em Paris não se escreve melhor, não se rabisca melhor numa fôlha em branco uma ideia ou uma sensação. Ha poucos anos ainda Eça de Queiroz ia na onda. Hoje é uma das primeiras cabeças, que se destaca do grupo dos que vão na frente. Se a França soubesse lêr nos nossos livros, *Os Maias* fariam de Eça de Queiroz o único continuador da obra de Flaubert. O seu diálogo é uma maravilha de precisão e de justeza. Os seus personagens têm formas de se expressar, como só se encontram idênticas nos personagens de Balzac. Depois o seu estilo perdeu tôda a preocupação do *chic*, de que outróra se ressentia, e a ideia é expressa pelo menor número de palavras. Mas em cada palavra empregada, em cada frase que o artista formou, em cada período que passa sob nossos olhos — que vigor de tinta! que frescura de colorido! que delicadeza de luz!

"O seu novo livro é a expressão escrita de toda a arte moderna. A plástica dos seus melhores tipos é obra prima de escultura, e parece que só se serviu do desenho e colorido de Meissonier e de Fortuny, e da poesia e sentimento de Corot e de Millet».

Vê-se que a crítica é um tanto atrapalhada, mas sente-se o abalo que causou a Pina a nova forma de estilo do escritor, e que sentiu a evolução da sua técnica no romance:

"Um romance da ordem dos *Maias* não é nem *realista* nem *romântico*, pela simples razão de que é apenas um bom livro. Que os *realistas* portugueses meditem nesta obra, e se deixem, por uma vez, dêsse modo ridículo e fastidioso de fazer estilo á moderna. Na obra de arte exige-se uma grande sinceridade na maneira de concepção e uma grande simplicidade na maneira de dizer. Tudo quanto fôr afectado, tudo quanto se fizer com preocupação de escola ha-de morrer amanhã».

E segue...

A 4 de Setembro — eis o que, do Pôrto, em férias do Consulado, Eça de Queiroz escreve ao Conde de Ficalho:

"Imagine como me tenho aborrecido. Felizmente, apezar de fraco, tenho "piochado» a Relíquia».

Era um novo romance!

E na mesma ocasião diz a Oliveira Martins:

"Apezar de ter retardado ontem o meu jantar até ás 9 da noite, não pude desbastar a minha montanha de prosa. Levar as provas para os areais da Costa Nova não é prático — ó homem prático. Ha lá de certo a brisa, a vaga, a duna, o infinito e a sardinha — cousas essenciais para a inspiração — mas falta-me essa outra condição suprema: um quarto isolado, com uma meza de pinho».

E desculpando-se com Luiz de Magalhães, o bom anfitrião da Costa Nova:

"Os nossos queridos amigos já lhe terão contado que uma verdadeira montanha de provas, uma serra de prosa a desbastar, se interpõe, à última hora, entre mim e o seu palheiro».

Mas que provas? Tudo faz supor que d'*A Reliquia*.

Pois, em carta ao autor da *História da República Romana* (então a sair do prelo) comunica:

"Excelente, o Friedlaender! Já tenho a minha estradinha romana, com a sua estalagem, a sua taboleta: *A Grande Cegonha*, a sua inscrição convidativa, invocando Apolo; e já tenho o aspecto da estrada, com as carroças de viagem, os arrieiros reunidos, e os pagens favoritos, com o rosto coberto duma máscara de miga sêca de pão, para não sofrerem no assetinado da tez, com a humidade ou com o pó! Grande gente!».

E Ramalho Ortigão, referindo-se ao Consul em férias, que fôra à Granja visitar o conde de Rezende (Manuel), escreve para a *Gazeta de Notícias*:

"O meu amigo Eça de Queiroz, que tem andado comigo, com uma maleta, e com uma resma de papel, a procurar pelo reino um sítio limpo de massadores, de môscas e de cozinheiros afrancezados, para aí acabar de escrever *A Reliquia*, chega-me hoje da Granja, onde, por espaço de dois dias, aplicou aos fenómenos sociais o monóculo da análise...».

Foi nêsse dia, memorável dia, que encontrando-se no Pôrto Eça de Queiroz, Ramalho, Antero de Quental, Oliveira Martins e Guerra Junqueiro, fôram todos almoçar ao Palácio de Cristal; e havendo, Eça perdido na Granja a aposta dum leque numa partida de bilhar com uma das banhistas, os convivas escreveram os seus comentários líricos e filosóficos a um grupo de cinco cães, representados na aguarela sôbre o setim côr de oiro — apondo-lhes o dístico — *Os autores.*

Imagine-se o que seriam essas horas cheias pelo espírito dêstes cinco grandes homens, reünidos pela mais efusiva amizade!

Para as marcar fizeram-se fotografar — o célebre *Grupo dos Cinco.* Seria — e mais do que pensariam — uma indelevel recordação!

No princípio de Maio de 1885, Eça está em Paris, de passagem para Bristol. Visita Emílio Zola, que dias antes comunicára a Mariano Pina a sua intenção de organizar uma *Biblioteca Nacional dos Autores Naturalistas*, e que Portugal nela fosse representado pelo autor do *Crime do Padre Amaro.*

No numero d'*A Ilustração*, de 5 de Junho, Mariano faz o *compte-rendu* desta entrevista, que durou quási três horas, e da qual Eça saíu encantado: Zola recomendou-lhe, como o fazia então a todos os seus confrades de naturalismo, o Teatro, ao qual êle próprio esperava entregar-se, logo que daí a seis anos — um volume por ano — acabasse a série dos *Rougon-Macquart.*

A Eça — antigo galã do Teatro Académico — o caso impressionaria, porque era uma velha ideia sua fazer dramas.

Já, em carta de 5 de Outubro de 1877, dizia a Chardron: "— De Lisboa, tentam-me com a ideia de escrever um drama.» Que, aliás, não escrevera...

Morre Vitor Hugo, a 22 de Maio: a 20 de Agosto *A Ilustração* publica um artigo de Eça, sôbre o maior dos Romanticos — artigo que é uma ode perfeita, contrastando bem com o artigo que Zola, por essa mesma ocasião, consagrou ao autor d'*Os Miseraveis.*

O original manuscrito chegou de Bristol "todo cheio de entrelinhas, de rasuras, de margens cheias de erratas, absolutamente no seu primeiro estado, para satisfazer à urgencia» — explica Mariano. Fôra prometido há quási três mêses... Porque demorára tanto? É que — "Eça estava revendo as últimas provas d'*Os Maias*»!

Seria desta vez? Tem entre mãos duas obras, já a correr no prelo: *Os Maias* e *A Reliquia;* na primeira trabalha há cinco anos, pelo menos, e na segunda há talvez dois anos. Saírão agora *Os Maias?*

O contrato de venda d'*A Reliquia* a Chardron, fôra celebrado a 5 de Abril.

E eis que, a 10 de Junho, escreve a Oliveira Martins, sôbre a colaboração que projecta, para *A Província:*

"O que eu pensei foi o seguinte: uma série de cartas sôbre tôda a sorte de assuntos, desde a imortalidade da alma até ao preço do carvão, escritas por um grande homem que viveu aqui há tempos, depois do cêrco de Troia e antes do de Paris, e que se chamava Fradique Mendes! Não te lembras dêle? Pergunta ao Antero. Êle conheceu-o. Homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, *dilletante* e voluptuoso, êste *gentleman*, nosso amigo, morreu. E eu, que o apreciei e tratei em vida, e que pude julgar de pitoresca originalidade daquele espírito, tive a idéia de recolher a sua correspondência — como se fez para Balzac, madame de Sevigné, Proudhon, Abélard, Voltaire e outros imortais — e publico-a ou desejo publica-la na *Província.* Fradique Mendes correspondia-se com tôda a sorte de gentes várias, *all sorts of men*, como se diz na Bíblia oficial desta terra. Êle escreve a poetas como Baudelaire, a homens de Estado como Beaconsfield, a filósofos como Santo Antero, e a elegantes como (não me lembra agora nenhum elegante, a não ser o Barata Loura) e a personagens que não são nada disto, como o Fontes. Além disso, tem amantes, e discute com elas a metafísica da voluptuosidade. E nas cartas ao seu alfaiate encontram-se as regras mais profundas da *arte de bem vestir.* Quando está viajando, no Japão ou na Ásia Central, faz païsagem e quadros de costumes. E, quando vem a Portugal, pinta aos seus amigos de Londres e de Berlim as coisas e as idéias do Chiado, de S. Bento, das tabacarias e dos salões».

Viram?

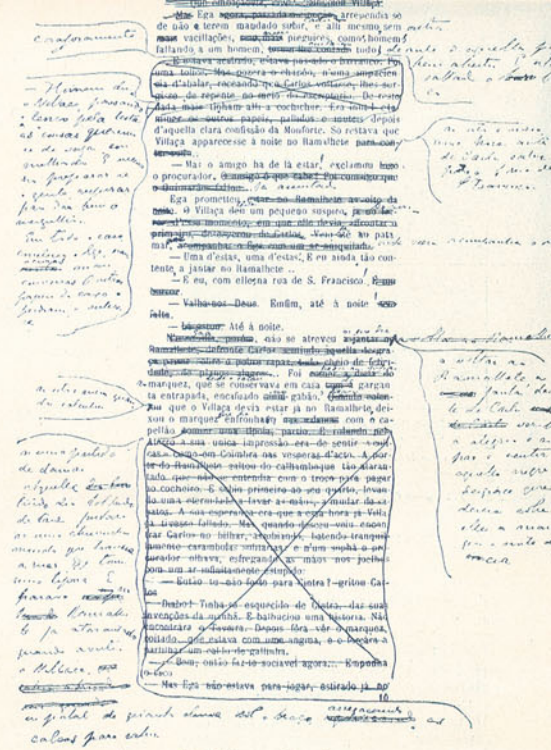
Onde estaria o naturalista de escola, Eça de Queiroz? Que fidelidade mantinha êste homem à confraria de Zola? Só uma pequena nêsga, que iria do môrro do Castelo a Buenos Aires, é que nêste novo-mundo caberia à observação realista do autor do *Primo Bazílio!* O resto era dado às fantasias, às ideologias, às iluminuras, ao dandismo do Consul-Letrado José Maria d'Eça de Queiroz!

Assim desponta um novo livro por detrás das rumas de provas d'*Os Maias* e d'*A Reliquia.*

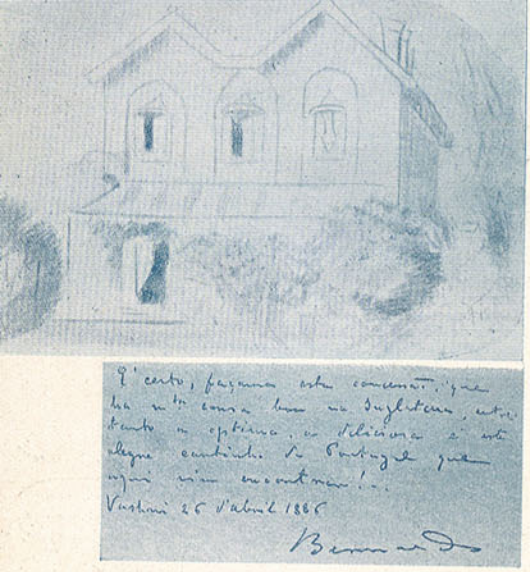
E ainda não ficaria por aqui... Cinco dias depois, escreve ao Conde de Ficalho:

"Eu tenho trabalhado bastante, graças a Deus. E, todavia, em Bristol, ou seja que o ar, devido ao muito arvoredo, é *relaxing*, ou por outra qualquer razão, estou sempre num estado de *langueur* e preguiça, pouco propício ao trabalho.

"Além disso, o isolamento lança-me na leitura, que me lança na erudição: e reaparece então o latente e culpado apetite do romance histórico. Acreditará você que, ao fim dum mês de Bristol, eu já andava planeando, para quando m'o permitissem os trabalhos em forja, um romance sôbre... Não, nunca Você adivinhará. *Je vous le donne en deux! Je vous le donne en quatre!!... Vous jetez votre langue aux chiens? Eh bien — sur Babylone!* Sim, meu amigo, sôbre Babilónia. Vê-me Você aí, numa noite de canja, no Augusto, ou no escritório rubro-escuro do Bernardo, abrir um maço de provas, e começar, pálido e exausto pelas vigílias da erudição: — "Era em Babilónia, no mês de Schêbatt, depois da colheita do bál-



Uma prova d'«Os Maias» emendada pelo autor



Casa de Eça de Queiroz em Bristol — «Croquis» feito pelo conde de Ficalho por ocasião duma visita ao romancista. O conde de Arnoso, que o acompanhava, escreveu no reverso do desenho um curioso pensamento

samo...» — ou outra qualquer cousa nêste género grandioso e pançudo?...».

E termina, graciosamente: — "Felizmente, logo que cheguei a Londres, êste desejo culpado dissipou-se ao contacto da vida mundana.» Mas sente-se que a coisa, no fundo, era bem a sério, desejando retomar os fios subtís com que urdira a delicada renda d'*O Mandarim*, e reforçá-los e enrijá-los até construir a trama densa duma grande tela que desafiasse em vigôr a da *Salambô*.

Um mês depois, diz a Ramalho:

"*Os Maias* continuam-se, naturalmente, imprimindo. Isso segue o seu caminho. E as outras obras podem permanecer por enquanto no *statu quo*».

Que obras?

A Relíquia, entre elas — se não se trata mesmo só d'*A Relíquia* — parára, não há dúvida. Não será de suspeitar que nesta paragem é que a Eça (não podendo vencer a sua vesânia de orientalismo, de reconstrução de velhas civilisações, emfim de apetite romântico) veio a idéia de meter no romance a estranha visão da Paixão, tentando uma ressurreição da velha Jerusalém judaico-romana?

Será por esta brecha que Eça de Queiroz se escapará das geênas do naturalismo, onde, desde *O Mandarim*, nunca mais se sentira à vontade.

E foi nêsse mesmo ano que Zola publicou *Germinal*, a sua obra suprema na série dos *Rougon-Macquart!*

Mas o próprio *Germinal* era, sistemáticamente, uma obra naturalista? Era um verdadeiro romance essa epopeia?

A verdade é que quinze anos haviam bastado a demonstrar, mais uma vez, a inanidade de doutrinas rígidas em arte; o naturalismo, longe de vir a assentar definitivamente o programa do realismo, não vinha mais do que a fechar um período literário, esterilizado pelo cientificismo do método e da técnica.

Não passarão dez anos mais, sem que a debandada dos Zolaïstas seja geral, e o próprio chefe da escola há-de passar a barreira, sem olhar mais a *consigne*, ao lançar a público as *Trois villes*, e evadir-se de tôdo do campo entrincheirado em que se encerrára, ao escrever das primeiras páginas dos *Quatre Évangiles!*

Mas em 1885 havia ainda muito caminho para andar, o naturalismo não se dava por vencido, e Eça não sentia coragem nem forças para romper inteiramente. E sentia que os processos novos que Flaubert, Zola e Daudet haviam trazido ao realismo de Balzac e de Stendhal, não seriam nunca de engeitar, — êle, pelo menos, nunca os engeitaria, porque lhe haviam entrado na massa do sangue, e feito dêle o grande escritor que era.

Por onde nos levaria esta dissertação?

*

* *

A *Ilustração*, de 20 de Setembro de 1885, informa que "daqui a pouco» estará à venda o novo romance *Os Maias*, em dois volumes...

Mas chegamos a Janeiro de 1886, e Mariano declara que "não perdôa a Eça de Queiroz a lentidão em fazer aparecer o seu romance *Os Maias*, anunciado há seis anos já». E incita-o a "dar tôdos os anos um volume de 300 páginas, como o seu colega e amigo Emilio Zola e como Alphonse Daudet».

E isto dito em Janeiro a Eça, que ia casar em Fevereiro, aos 40 anos!

Êle confidenciava a Ramalho, em carta do Porto, a 14 de Janeiro:

"Eu por aqui continuo entre Santo Ovídio e o Hotel, onde trabalho ás gôtas, ás migalhas. A família é talvez fecunda em trabalho produtivo: a preparação para a família é o tempo mais completo de desperdício e ociosidade que há, fora de ser *político*».

E passou mais um ano... Então Mariano Pina não se poude conter, e renovou as bôas-festas (era no n.º 1 de Janeiro de 1887) um tanto exquisitamente:

"E quando êsse autor é tão querido e respeitado por tôdos quantos sabem lêr e encontram na leitura um prazer e um confôrto, e quando êsse autor passa anos e anos sem produzir uma obra, parece-me que todos quantos se ocupam diàriamente de letras — e principalmente os seus amigos — devem ser os primeiros a censurar-lhe a sua inacção, a sua falta de actividade, o pouco que êle produz em relação com o seu talento e com a sua idade. E censurar-lhe isto mesmo publicamente, porque esta censura ainda cabe no domínio da crítica.

"Eis o que eu há muito tinha vontade de dizer a Eça de Queiroz, como seu admirador e como seu amigo, e que só hoje me decido a dizer-lhe, ao concluir a leitura do prólogo dos *Azulejos*, que me trouxe ao espírito a grata recordação doutras noites, palestras literárias ao longo desta rua de la Paix e desta praça Vendôme, a caminho do Hotel Choiseul, onde Eça de Queiroz me fez a honra de lêr vários capítulos d'*Os Maias*. Que será feito d'*Os Maias?*

"Deu-nos há uma eternidade *O Crime do Padre Amaro*, deu-nos há dez ou doze anos *O Primo Bazílio;* e, de então para cá, um trabalho de desfastio, *O Mandarim*, obra de fantasia e verve escrita em meia dúzia de noites, dois contos no jornal *Atlântico*, alguns folhetins na *Gazeta de Notícias*, uma polémica com Pinheiro Chagas, dois artigos na *Ilustração*, e, ultimamente, no espaço de seis meses, dois prólogos — um prólogo para Luís de Magalhães e um prólogo para Bernardo Pindela.

"Eis o trabalho impresso no espaço de doze anos!»

Tem a gente de parar para tomar fôlego, que até nós nos sentimos opressos com a veemência do libelo... Que faria o pobre Eça!

Prossigamos agora:

"E os amigos, porque ouviram trechos, é que falam com justa admiração d'*A Capital*, romance que já não existe, da *Relíquia*, que está em começo, e d'*Os Maias*, que já deviam estar concluidos há cinco anos.

"Eça de Queiroz responde ás nossas preguntas e ás nossas censuras com o exemplo de Gustave Flaubert.

"— Reparem Vocês em Flaubert, no Mestre: quantos anos para escrever a *Salambô*... quantos anos, arquivando notas e documentos, para escrever a *Madame Bovary*... quantas noites e quantos dias perdidos no trabalho de burilar uma frase, de descobrir uma frase justa e musical para finalisar um período, ou para imprimir o último *tic* ao personagem do seu romance!»

E que há de dizer Pina, na sua inconsciência crítica, para contrapôr a êste verdadeiro depoimento do discípulo de Flaubert (que já mal se lembrará de Balzac e que não pode deixar, um tanto, de julgar Zola como um bárbaro lenhador de floresta)?:

— "Repare o meu amigo em Zola, no mestre! Lembre-se daquela manhã em que o fomos visitar ao seu apartamento da rua de Boulogne, em Paris. Ainda não eram onze horas, e, apezar do reumatismo de que êle se queixava, já estava ao trabalho como um operário corajoso e metódico, com o seu costume de veludo preto, as pernas embrulhadas em peliças, e, sôbre a mesa, á sua esquerda, debaixo daquele Cristo de velho marfim, várias dezenas de quartos de papel, cheios da sua letra enérgica e vigorosa, as primeiras fôlhas do seu futuro romance *L'Oeuvre*, de que êle nos contou o enrêdo».

E continua o sermão no mesmo tom, e traz á colação os maiores escritores, para provar que quantidade não se opõe á qualidade. Para, afinal, concluir:

"Não, meu caro Eça de Queiroz, não creio que seja o verdadeiro caminho aquele que anda trilhando... Viver para a Arte, é viver para a multidão, é viver para o seu país, é viver para o seu tempo. Ter talento ás carradas, ter idéas, ter um ideal, ter uma imaginação viva e uma observação prodigiosa, e não trabalhar tôdos os dias, não estar tôdos os dias na brecha, não produzir tôdos os anos um volume, como Zola, como Daudet — não é viver, é morrer». Etc., etc...

Eça, se lhe respondesse, poderia começar por alegar que nem Zola nem Daudet eram cônsules, empregados públicos que tivessem de ir tôdos os dias á repartição, dividindo o seu tempo e o seu espírito entre as suas funções de escritor e as da burocracia...

Continua

LOPES D'OLIVEIRA.

A LIBERTAÇÃO DE BARCELONA

A' esquerda: O entusiasmo em Barcelona após a entrada das tropas nacionalistas. — *A' direita:* Raparigas saudando os vencedores

Distribuïção de pão efectuada por um camião das tropas nacionalistas. — *A' direita:* O general Alvarez Arenas, novo governador militar de Barcelona dirigindo uma alocução à multidão, mostrando-lhe nma nova era de paz

As tropas nacionalistas entrando na Praça da Catalunha em Barcelona entre o entusiasmo da multidão que se viu liberta do horroroso flagelo da guerra com todos os seus horrores. — *A' direita:* Um grupo de refugiados chegando a lugar seguro em Port-Vendres, onde as autoridades francesas lhe deram facilidades

Nú (Pastel do pintor Granowsky)

Um artista boémio na cidade de Paris

O pintor Granowsky

PARIS, como todas as grandes capitais e todas as pequenas aldeias, tem os seus tipos da rua, os seus padrões humanos, os seus símbolos. Claro está que em relação a muitas outras cidades, Paris tem maior numero deles, característicos, pitorescos e inconfundiveis. Por assim dizer, são glórias municipais. Cada bairro parisiense, cada meio social, tem uma glória distinta, conhecida no Mundo inteiro, como se fôssem monumentos. Montmartre tem meia dúzia deles; o Bairro Latino tem outros tantos; os Grands Boulevards, idem; e Montparnasse tem um especialmente, mais conhecido que todos os outros, porque é um artista. Ora em Paris os artistas têm honras àparte dos restantes indivíduos, e Montparnasse já por si é um bairro privilegiado de exoticos personagens. Um tipo, para mais artista, em Paris, pode considerar-se um ídolo. É êste o caso do pintor Granowsky.

Não há ninguém em Paris, ninguém na França, ninguém no Mundo intelectual e artístico, que ignore a existência do russo Granowsky, com o seu chapeirão mexicano, o seu cachimbo, a sua caixa de tintas a tiracolo e as suas pilherias, nos ângulos dos boulevards Raspaïl e Montparnasse, raramente abancando

Sam Granowsky (visto por Heitor Cramez)

nos botequins, falando a tôda a gente, conhecendo o Mundo inteiro. O seu nome anda em milhares de artigos e em centenas de livros publicados em todas as línguas. O seu nome e o seu elogio. Viajado ao Deus dará da sorte, infatigável e probo no trabalho, pitoresco no parolar e ousado na sua pintura, em cada amigo — e conta-os aos milhares — tem um admirador. Um pastel de Granowsky, uma sanguínea, uma gravura, *une machine* a óleo ou mesmo esculpida no primeiro calhau que topa a geito, são obras sempre notadas nos *Salons*, sejam êles no Grand Palais, em Moscovo, em Nova Iorque ou em Pequim. O russo Granowsky é um artista de Paris e um pintor internacional. Fala todas as línguas mal, mas pinta bem para todos os países. Conheço-o há perto de trinta anos, lutando sempre, repontando sempre, expondo em toda a parte, nas galerias, nos cafés, nas esquinas das ruas, em casa do diabo sendo preciso, com o mesmo brio, a mesma fé e o mesmo talento. Coerente e pobre, raros merecem, como êle, uma admiração.

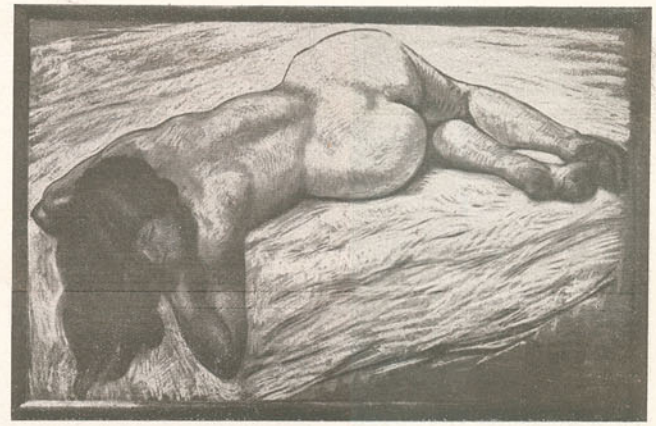
Em 1914, quando rebentou a Guerra, porque era pintor e não era soldado, a-pesar-de se haver alistado como voluntário, resolveu deixar Paris, passou a Londres e dali tomou um barco de carga,

O pintor e os seus modelos em «La Rotonde», de Montparnasse

como ajudante de fogueiro; e no rumo da América, veio tocar em Lisboa. Uma vez no cais de Alcantara, entusiasmado com os encantos da nossa capital, abandonou a viagem e ficou por cá, pintando e desenhando. Calcurriou a cidade, desenhou varinas e saloios, perdeu-se pelos mercados, deslumbrou-se pela beira Tejo, dormiu em hoteis manhosos e foi parar ao consulado da Russia. Mal compreendido na sua boémia e acreditando na beleza do Porto, segundo o informara uma ilustração, foi ali parar, com quinze tostões no bolso, uma pasta de desenhos e o seu velho cachimbo. Casualmente encontrei-o a olhar para a igreja de Santo Ildefonso e acolhi-o com a boa camaradagem usada nos cafés de la Rotonde e do Dôme, nesses bons tempos; durante

Pintura decorativa executada por Sam Granowsky com esboços feitos por êle durante a sua estada em Portugal

Um acampamento no México (Quadro de Granowsky)



Nú (Pastel do pintor Granowsky)

dois meses lhe mostrei os segredos daquela curiosissima cidade: — as pedras barrôcas das igrejas, os arcos da Ribeira, as árvores do Palácio de Cristal, as tendas do autentico vinho fino, os bordeis mais célebres e o *Veiga*, que era um tipo do Porto, como êle é de Paris. Desenhou tudo, croquisou leiteiras, carros de bois, a tôrre dos Clérigos... Um dia, atraído, e com saüdades, pelas notícias de que Paris ia ser invadido, abalou num paquete, que depois de o depositar em Cherburgo foi torpedeado e afundado pelos bárbaros que ameaçavam destruir a Notre Dame.

Nunca mais esqueceu Portugal. A cada português que encontra chama logo *amigo*, e remata a honra com um *obrigado muitíssimo*, aprendido mal por cá, mas que recorda, como recorda o vinho do Porto e os borborinhos pitorescos da beira cais de Lisboa. Fantasista por índole — é artista e é russo! — quando descreve a nossa gente da beira-rio, vê-a com o torso nú, de turbante como os corsários, traficando pescados e frutos, e até — oh imaginação oriental! — vendendo papagaios e araras, com pretos a suar na descarga de navios à vela. Foi mais ou menos assim que recordou agora Portugal num painel que um milionário lhe encomendou, cuja fotografia me enviou e aqui reproduzo com mais algumas obras suas, fora os retratos que dele conservo casualmente. Neste quadro há um pormenor notável de psicologia: — duas pombas a tentarem-se. O amor no meio do trabalho. Que assim seja!

Granowsky é um tipo de Paris, um boémio do Mundo, um artista de Montparnasse e um amigo de Portugal. — *"Obrigado muitíssimo, amigo!"*

DIOGO DE MACEDO.

A MORTE DE SUA SANTIDADE PIO XI

FINOU-SE há dias Sua Santidade, o Papa Pio XI, um dos mais iluminados Pontífices que até hoje têm ocupado a Cadeira de S. Pedro.

Sempre que morre um Papa, é costume dizer-se que está de luto o Mundo Católico. Agora, com a morte de Pio XI pode dizer-se que todo o Mundo, mesmo nos pontos em que é seguida outra religião, patenteou os mais negros crepes no seu coração agradecido.

No dia da sua eleição, o Papa Pio XI, rompendo com as tradições dos seus predecessores, saíu à *loggia* da basílica de S. Pedro para abençoar a multidão que se aglomerava fervorosamente a seus pés.

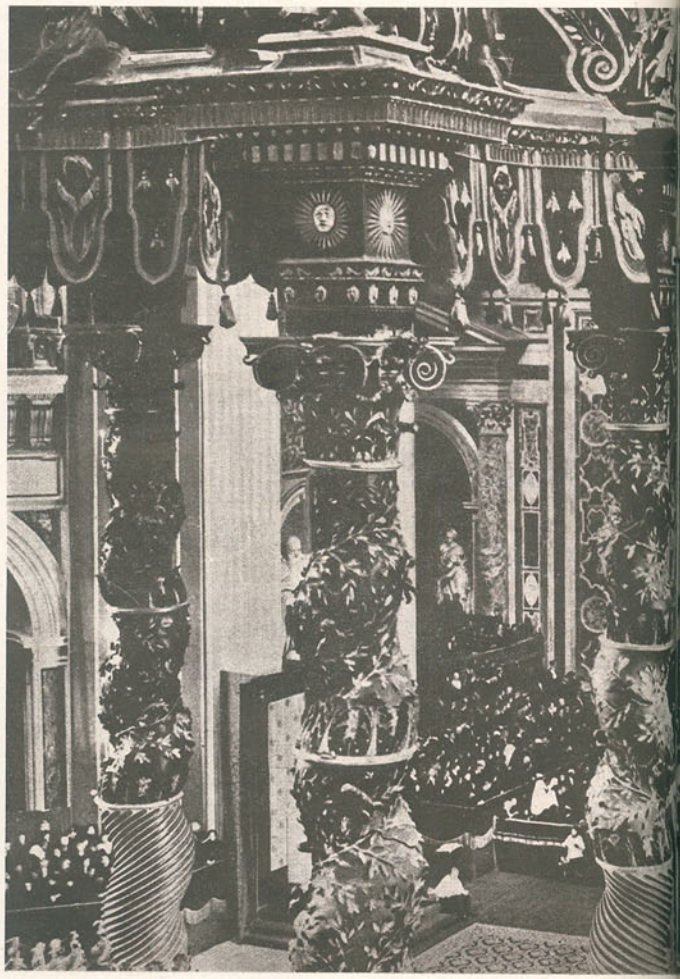
E assim fôram criadas, após uma lenta evolução de espíritos, as condições favoráveis ao acôrdo entre o Quirinal e o Vaticano.

Surgiu finalmente o famoso Tratado 7 de Fevereiro de 1929, que comporta um preâmbulo de 27 artigos. Nêle se afirma novamente que a religião católica é a única religião do Estado. Reconhece plena propriedade, autoridade exclusiva e absoluta jurisdição soberana da Santa Sé no Vaticano. Cria a cidade do Vaticano, colocada sob a exclusiva autoridade da Santa Sé. Estipula que o Estado italiano construirá na cidade do Vaticano, uma estação de caminho de ferro e organizará os serviços telegráficos, telefónicos e postais ligando directamente o Vaticano com os outros Estados. Outras cláusulas determinam as categorias das pessoas residindo na cidade do Vaticano, define as garantias de que gozarão os dignatários da Igreja e as pessoas pertencentes à Côrte Pontifical que não residem na cidade do Vaticano.

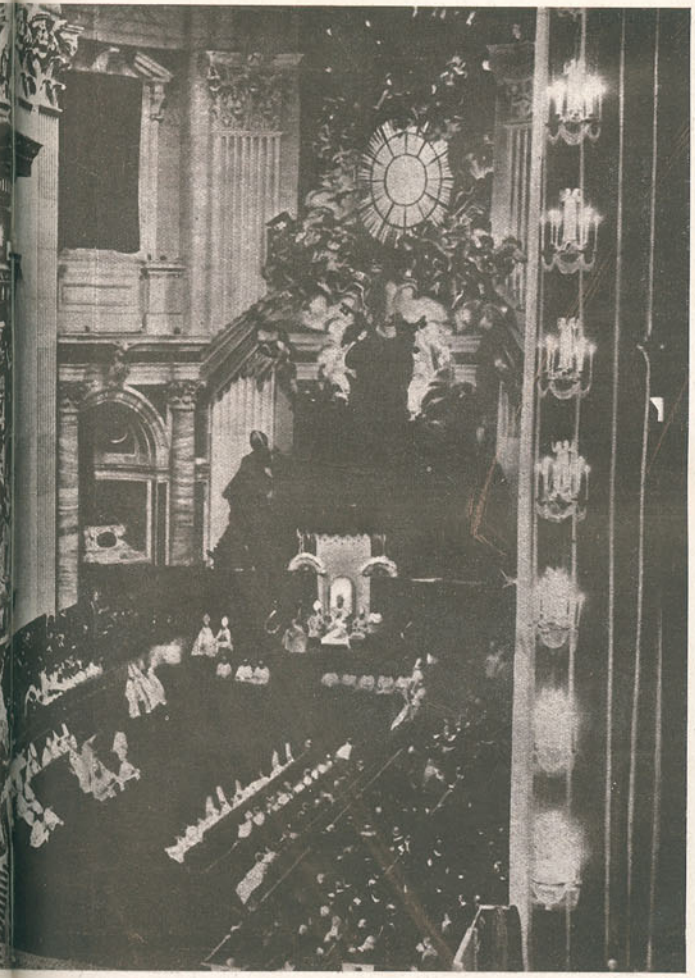
O Tratado estipula também que a Itália reconhece à Santa Sé, o direito activo e passivo de legação, de conformidade com o direito internacional. A Santa Sé e a Itália obrigam-se a estabelecer as relações diplomáticas normais por intermédio de um embaixador italiano e de um núncio. A cidade do Vaticano será sempre considerada como um território neutro e inviolável.

A disposição que dá à Igreja plenos poderes para celebrar casamentos religiosos produzindo efeitos civis, encontra-se em parte derrogada após os últimos decretos de Mussolini, respeitantes ao casamento de indivíduos de raça não ariana, embora católicos.

Finalmente, a Itália fêz entrega de 750 milhões de liras e depositou um *stock* de títulos de renda de cinco por cento ao portador no valor nominal de um bilião.



Com um sorriso, ainda há um pouco de tristeza da



Sua Santidade o Papa Pio XI

A TRADIÇÃO DA SANTA SÉ

SEMPRE QUE MORRE UM PAPA

A acção do Sacro Colégio para a eleição do novo Santo Padre

LOGO que morre o pontífice, o povo romano enche a praça de S. Pedro, e, se acaso vê subir uma núvem negra de fumo — a tradicional *sfumata* — patenteia o seu descontentamento. É que êsse fumo, evolando-se da chaminé do Vaticano, vem indicar que não se chegou a acôrdo e que se continua queimando listas no fogão do altar da Capela Sixtina. Junta-se palha a êsses boletins de voto para dar o rolo negro de fumarada. Abrandando, é sinal de que apenas arde o papel e que o Papa está eleito.

— *La sfumata! la sfumata!* — gritam milhares de bocas, mas até à aclamação, mal se sabe que o soberano pontífice está eleito.

Para se eleger um Papa, a maioria requerida é de dois terços dos cardiais presentes. Não é permitido dar a si próprio o voto; não se pode dar no escrutínio seguinte o voto ao mesmo candidato. Cada boletim deve levar uma divisa e um símbolo correspondente, assim como a assinatura do eleitor. O segrêdo do voto é respeitado. Se o número das listas não corresponder ao dos cardiais presentes, o escrutínio é anulado, e a sessão recomeça. As listas têm 15 centímetros de comprimento por 12 de largura. Na parte superior, o eleitor escreve o seu nome, na parte inferior uma divisa, e no meio o nome do cardial que deseja vêr eleito papa. Só estes dizeres ficam visíveis. O cardial leva, então, a lista ao altar, depois de ter jurado que apenas procede no interêsse da Igreja. O voto é colocado num cálice diante do cardial que oficia.

Ao cabo da verificação da eleição, tendo-se visto que ela é canónica, proclama-se o eleito. O cardial decano aproxima-se do escolhido, e logo os baldaquinos das cadeiras cardinalícias baixam para apenas ficar na sua linha de toldo magnífico o da poltrona do que mais votos conseguiu.

Pregunta então o camerlengo ao candidato se aceita a sua eleição, e êle logo tem que responder e também qual o nome que escolhe. Depois todos se prostram em adoração a seus pés; o protonotário escreve a acta, e o novo pontífice vai ser revestido das insígnias que ficam a pertencer-lhe: as meias brancas, as chinelas vermelhas, a sotaina branca que o alfaiate dos Papas arranja de antemão. Põem-lhe na cabeça o solideu, depois envolvem-no no roquête de rendas, investem-no na estola vermelha bordada a oiro, e logo o conduzem ao altar, onde fica colocado ao lado do Evangelho.

Veem então beijar-lhe a mão, e dão-lhe o ósculo da paz. Depois, os conclavistas beijam-lhe o pé em sinal de primeira obediência.

É então que um arauto surge na grande varanda do Vaticano e anuncia:

O engenheiro Francisco Ratti e Teresa Galli, pais do Papa Pio XI

— Temos um papa! É o eminente e muito respeitável senhor F... que tomou o nome de tal...

E segue a designação que o novo pontífice escolheu.

Tudo isto é dito em latim que o povo romano largamente compreende, nestes momentos, pelo menos.

Soam as aclamações. Uns — os que são católicos mas que reconhecem o Quirinal, bradam o nome do novo papa; outros avançam na sua idolatria:

— Viva o papa rei!... Viva o papa rei!...

É a evocação do poder temporal em que desejam ver investido o chefe supremo da Igreja.

Feita a proclamação, o papa recebe os altos funcionários, os camareiros secretos, os chefes da guarda nobre, dos suiços,

O Papa Pio XI

tôda a população do Vaticano que ajoelha para receber a sua bênção.

Eleito o papa, uma divisão de tropas italianas desfila diante do Vaticano.

Todos os sinos de Roma e do mundo inteiro repicam, festivos, quando o novo papa recebe a sagração. Vem gente de todos os pontos da terra, enchendo a enorme basílica de S. Pedro, a fim de ver o novo pontífice sôbre a "segia gestatoria" na sala ducal entre os hieráticos flabelos precedido pelos dignitários da sua côrte, dirigindo-se para o seu trono.

Ressoam as trombetas de prata da guarda nobre, enquanto o papa traça lentamente no espaço, a sua bênção sôbre a onda humana. O cortejo segue sempre até que, na Capela Gregoriana, o pontífice sobe ao trono colocado à esquerda do altar, e ali o assistente do sólio toma o seu lugar à direita de Sua Santidade, mas de pé. Os cardiais formam um semi-círculo, sobe no ar o sublime cântico "Nunc Sancte" executado pelos afamados cantores da Capela Sixtina, e os prelados começam, por ordem hierárquica, a prestar a sua homenagem ao novo Papa.

Segue-se a coroação. Sôbre a cabeça do representante de Cristo na terra assenta a tríplice corôa. O pontífice, depois, em tôda a sua majestade, dá à multidão a benção de doudor, de padre e de pastor supremo.

É então que assoma à varanda larga do templo e dá a sua bênção sôbre a enorme multidão constituida por gentes de todos os países e classes. É a benção *urbi et orbi*.

O papa escolhe a sua legenda e recebe o "anel do pescador" em que manda gravar o nome que escolheu. Geralmente aquela legenda representa uma sina.

Leão XI, escolhendo a sua — *Vir undosus* — passou como uma onda. Reinou 27 dias.

Gregório XV: *In tabulation paces*, e lutou e sofreu pela paz da Igreja.

Clemente X: *Flumine magno*, e realmente nasceu nas margens do Tibre, e, durante uma inundação do rio, foi salvo de uma morte certa quando o seu berço já flutuava sôbre as águas.

Pio VI: *Peregrinus apostolicus* e morreu exilado em Valência.

Leão XII: *Canis et coluber*, e despertou o mundo católico contra as sociedades secretas. Era o *cão* vigiando as *serpentes*.

Gregório XVI: *De balneis etruriæ* e era monge de uma ordem fundada em Balnés na Etrúria.

Também condisseram absolutamente com os seus destinos nas legendas escolhidas pelos outros pontífices a exemplo de Alexandre VII: *Montorum Custos* e pertencia à família de Chigi que tinha no seu brasão as montanhas.

Inocêncio X: *Jucunditas crucis*, e foi eleito no dia da exaltação da Santa Cruz.

Pio VII: *Aquila rapax*, e teve Napoleão a despojá-lo do seu trono.

Pio IX: *Crux de Cruce*, e teve uma dolorosa cruz na sua existência.

Leão XIII: *Lumen in coele*, e foi o luminar das encíclicas.

Pio X: *Ignis ardens funatus*, e veio do mar, dessa encantadora Veneza...

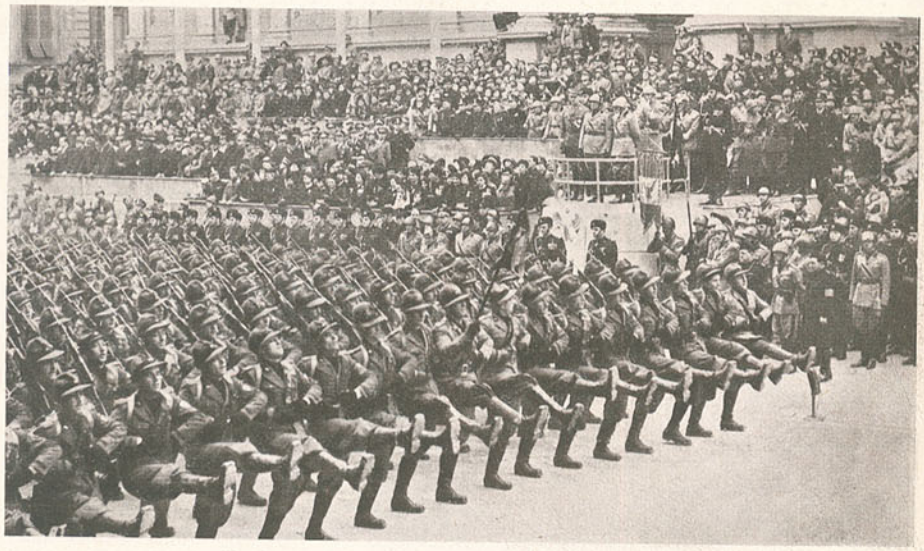
Pio XI: *Raptium transit* e patenteou sempre o máximo desprezo pelas honrarias, fazendo sempre o possível porque fôsse rápida a sua passagem pelas grandezas.

Aquiles Ratti, seminarista em 1877; Monsenhor Ratti, bibliotecário em 1914; Sua Eminência, o Cardial Ratti em 1921; Sua Santidade, o Papa Pio XI, em 1922

O Papa Pio XI foi, nos seus tempos, um alpinista de primeira fôrça como a nossa gravura indica. Passou uma noite em pé, sem poder mexer-se sôbre um rebordo de «gneiss» de 30 centímetros, a 4 mil metros de altitude

Vista geral do Vaticano

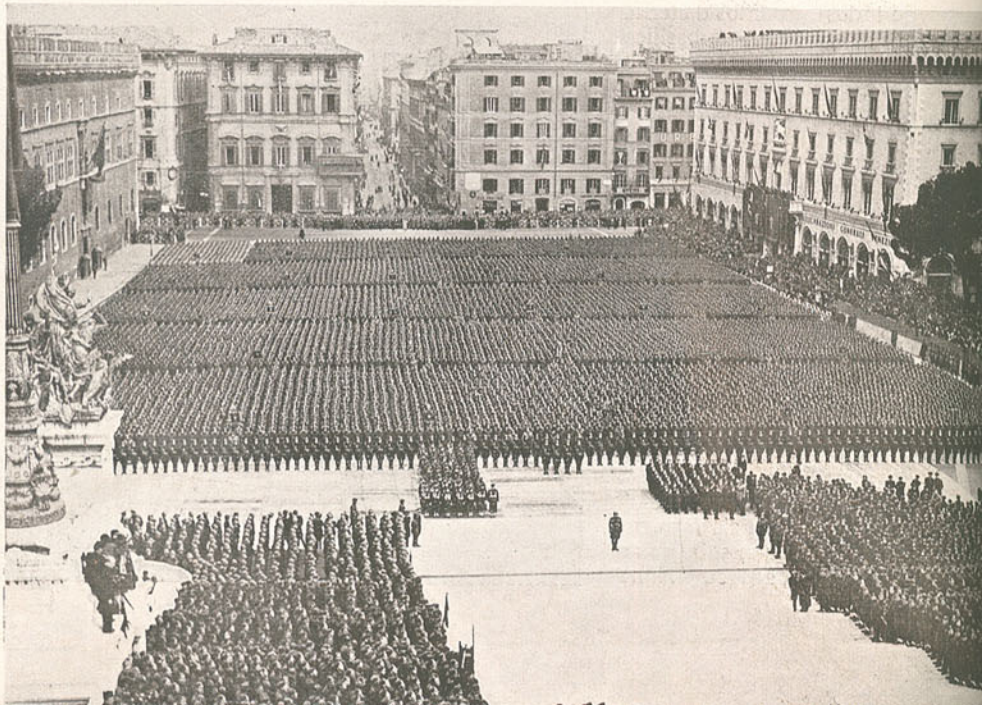
VISÕES DE ITÁLIA



Mussolini falando à multidão na Praça de Veneza por ocasião da ocupação de Barcelona pelas tropas nacionalistas. Tropas fascistas desfilando em Roma por ocasião do aniversário da fundação da M. V. S. N.

Mussolini assistindo à cerimónia de homenagem aos mortos nas campanhas de Africa. — *Em baixo:* O importante desfile das Fôrças do Regime na Praça de Veneza.

O Duce condecorando um dos filhos dos mortos de Africa e da Espanha com a medalha de Valor Militar, por ocasião do aniversário da fundação da M. V. S. N.



O CARNAVAL CASTIGADO

Os tempos não vão para divertimentos, especialmente para êsses divertimentos em que a inteligência não tem nada a lucrar, nem os olhos nada com que se recreiem.

O teatro, o cinema, os concertos musicais, as exposições de arte, podem ser tomados como diversão, porque são realmente um derivativo para as preocupações diárias.

Mas, em qualquer destas formas de distracção, há muito de utilidade para os que as freqüentam.

No teatro e no cinema, apresentam-se muitas vezes casos que nos obrigam a pensar, e não raro nos dão a chave do enigma duma suspeita ou a resolução de um problema de ordem sentimental, e mesmo económica.

Aprende-se, em suma, qualquer coisa, ao mesmo tempo que nos distraímos.

A música, a pintura e a escultura são o encanto dos ouvidos e dos olhos, e um verdadeiro deleite para a nossa alma.

A música dulcifica o caracter, amortece as dôres morais, e há quem diga que as físicas, também.

Não vou tão longe. Não garanto, porque nunca experimentei.

Mas as mágoas sei que as amacia e as torna mais suportáveis.

A pintura e a escultura prendem de tal maneira a nossa sensibilidade, que podem enfileirar ao lado da música, como terapêutica espiritual.

Há certas músicas que não se podem ouvir, sem que sintamos vibrar tôdas as cordas da nossa sentimentalidade e algumas tornam-se uma verdadeira obcecção.

Outro dia, no "Diário de José Maria", essa série interessantissima que o dr. Ramada Curto está publicando no *Diário de Lisboa*, vinha justamente uma nota poderosa sôbre o efeito da música no nosso cérebro, o receptáculo de tôdas as nossas sensações.

Chamava-se êsse artigo *Insónia musical*, e expunha em fortes tintas a teimosia com que um trecho se agarra a nós e não nos larga, e toma por completo a nossa capacidade de pensamento.

Por isso, como dizem os franceses *un clou chasse l'autre*, e, assim, um pedaço de música pode também afastar de nós uma amargura.

Que seja por pouco tempo, apenas, ainda temos qualquer coisa a ganhar. Uma trégua no sofrimento. O que não é para desprezar, em caso algum.

■

O Entrudo só pode admitir-se, quando se aproveita para tirar dêle e das suas festas alguma coisa que sirva para aliviar a pobreza, levando-lhe mais pão e tirando-lhe cuidados. Como goso, só para as crianças. Essas, sim, que se toleram mascaradas, na sua graciosidade. E não hão-de ser já muito taludas.

Vejam nas *matinées* do São Luís, quando dos prémios á miudagem mais elegantemente disfarçada, como o público se agita com simpatia ao ver os petizes e as pequerruchas engraçadas, nos seus fatinhos de fantazia.

Mas se aparece uma menina espigadota, já na transição de adolescência, todos se torcem, confrangidos.

Ninguém gosta. Que fará então, ao verem, nos bailes e por essas ruas, homens e mulheres a macaquear a infância? São rídiculos, apenas. E é bastante para não caírem noutra.

Depois há muita gente que aproveita essa quadra para usar de maior liberdade de má educação, não contente com o que já faz, durante todo o ano.

E, então, são ditos obcenos às senhoras que passam. E é de admirar, quando não juntam o gesto á palavra, para que a exposição seja mais clara.

Dantes brincava-se, talvez mais ousadamente, mas em qualquer atrevimento a educação nunca era posta pelas ruas da amargura, como agora, coitada! que anda tão desprezadinha que raras vezes acha um peito onde se abrigue...

Aproveitam até êsses dias de folia, para fazer mal, para ferir e magoar com projecteis pesados e porcos. Até saquinhos com carvão tenho visto atirar.

Se todos, tácitamente, se decidissem a brincar com tento e juizinho, ainda se podia admitir que se gostasse do Carnaval. Assim não. Sem correcção, não.

■

Bem fez o ilustre Chefe do Distrito proïbindo tudo quanto magôe ou deteriore o arranjinho de cada um.

Os pais são os nossos dirigentes naturais. Em cada família há um chefe, para mandar e dizer o que se deve e não se deve fazer.

E os filhos obedecem. E só assim a família pode viver em boa harmonia.

Sem discíplina, não há ordem e, sem ordem, é o cáos. Pois um Governador Civil é o chefe supremo, acima dos outros chefes individuais.

Tem a seu cargo a ordem, a harmonia, a disciplina da grande família feita de milhares de famílias.

Se vê que não há juizo, tem que intervir.

E nós, pensando bem, devemos concordar em que os pais nunca castigam sem razão.

E falta — e grande — nos fazem os açoites que nos pouparam.

Nunca as mãos dôam a quem sabe castigar com razão e a tempo. E o melhor é não fazer beicinho e suportar dignamente a reprimenda.

MERCEDES BLASCO

O duque de Reichstadt em 1830 (Litografia francesa da época

NEVOAS DO PASSADO

A vida amorosa do filho de Napoleão

Como êle quis apaixonadamente à princesa Sofia da Baviera

Naquela ridente tarde de estio, em que o céu em festa ostentava o seu mais sumptuoso docel de pervinca e oiro, e a terra o seu mais belo manto de veludo verde matizado de flores, iam os dois — Francisco Carlos e Sofia — cavalgando, lado a lado, pelo parque de Schoenbrunn.

Aquele vastíssimo parque onde estátuas brancas de deusas elevavam, sôbre maciços de verdura e acima da límpida superfície dos lagos côr de esmeralda, a sua formosa nudez, tinha, desde o tempo da Grande Imperatriz, visto passar muitas amazonas.

Amazonas de tricorne e justilho agaloado, amazonas de chapéu enfeitado de plumas e saia-calção, amazonas de gôrro empenachado e pequeno fraque...

Mas nenhuma, talvez, dessas amazonas arquiducais do tempo de Maria Tereza, de José II e de Francisco I, aparecera tão elegante, tão graciosa, tão verdadeiramente adorável como Sofia da Baviera com o seu chapéu alto de pêlo de sêda negro, seguro por um ténue véu branco, e o seu justo trajo de fazenda preta que lhe modelava o corpo esbelto como à mão mais delicada o poderia fazer uma luva de pele da Suécia.

Formavam, na verdade, um par admirável, aquela linda e requintada amazona e aquele formoso cavaleiro, vestido com a maior elegância e distinção.

Vestido com a maior elegância e distinção — é o têrmo. Não era só fardado, mas também à paisana, que o duque de Reichstadt se mostrava o príncipe das elegâncias vienenses.

Descansadamente, conversando e rindo, Francisco Carlos e Sofia iam avançando a passo por essas longas e solitárias avenidas, onde o sol, coando-se através da espessa ramagem, bordava de oiro as fôlhas rendilhadas das árvores.

A alegria, a felicidade, o prazer de viver — essa alegria, essa felicidade, êsse prazer de viver que só a paixão satisfeita conferem — irradiava nos seus olhos, reflectia-se nas suas bôcas e vibrava nas suas vozes.

Não falavam de amor, mas todo o seu amor, tôda a sua paixão, tôda a sua ternura recíproca, transparecia nos seus mais simples gestos e nas suas mais indiferentes palavras.

Quem não os conhecesse, e os visse como naquêle momento, com as pupilas cintilantes de alegria e os lábios entreabertos num sorriso de encantamento, cavalgando, lado a lado, pela álea deserta, sob a abóbada glauca formada pelos ramos das tílias, toma-los-ia por dois noivos.

Dois noivos um pouco tontos, um pouco desvairados, um pouco ébrios com a sua própria ventura...

O lago das Ninfas no parque de Schoenbrunn

A álea estava completamente deserta. Apenas se ouvia o brando ciciar das fôlhas acariciadas pelo vento e o alegre chilreio das aves que, saltitando graciosamente, de árvore em árvore, de ramo em ramo, de galho em galho, iam também celebrando os seus noivados...

Duque de Reichstadt (Busto em mármore)

Ninguém os podia ver. Os dois cavalos caminhavam juntos, a par, de modo que o duque, passando o braço à volta da cintura da princesa, pôde colher naquêles lábios frementes um rápido beijo.

Sofia deixou pender a sua encantadora cabeça sôbre o ombro de Francisco Carlos. Ele não retirou o braço e continuaram a avançar assim, sob a espessa arcaria de folhagem, em silêncio, unidos naquêle amplexo.

Saíram por fim dessas avenidas — verdadeiros túneis de verdura — que para suas almas de enamorados pareciam já o começo do céu...

O abraço desfez-se ao entrarem no bosque. Meteram a galope e, durante mais de meia-hora, percorreram os bosques, transpondo sebes, barreiras e regatos.

Atravessaram os bosques, transpuzeram as colinas e cortaram pelos prados, embriagando-se de ar, de luz e de velocidade.

Os cavalos já conheciam o caminho. A determinada altura, estacaram. O príncipe apeou-se dum salto e, tomando a arquiduquesa nos braços poisou-a delicadamente no solo.

Depois, ternamente enlaçados, penetraram num dos mais frondosos recantos do bosque — verdadeiro *boudoir* silvestre atapetado pela espessa alcatifa do musgo, onde Titânia, a raínha das fadas, poderia, numa noite de luar, ter dormido nos braços de Oberon...

Era ali, naquêle recanto, repleto duma doçura étnica, digno de haver sido cantado por Vergílio, que êles passavam as tardes.

Duque de Reichstadt (Miniatura de Daffinger)

Tardes belas, tardes de inexcedível encanto, tardes verdadeiramente divinas, durante as quais viviam duplamente, duma vida magnífica e inebriante...

Tardes de inexcedível encanto, mas cruelmente breves. Tardes de infinita doçura cujas horas fugiam com a rapidez vertiginosa dum sonho...

Sentaram-se sôbre um tronco caído, já quási literalmente coberto de líchens e, durante alguns momentos, permaneceram calados, gozando a dupla volúpia do silêncio e da sombra.

Sombra luminosa. Luminosa por causa dos raios de sol que, filtrando-se como flechas de oiro, através dos ramos vinham beijar a terra num ósculo precioso.

Silêncio musical. Musical pelos gorgeios dos pássaros e pelo brando marulhar das folhas agitadas pelo vento.

Gozavam a volúpia do silêncio e da sombra e, sobretudo, gozavam a volúpia de se acharem sós, livres de todos os olhares, de tôdas as presenças inoportunas, longe de Schoenbrunn, como que isolados do mundo...

A ventura intensa que lhes trasbordava na alma iluminava os seus rostos e fazia assomar aos seus lábios um comovido sorriso de êxtase.

Quási que não falavam. Há momentos de felicidade tão intensa, em que as pancadas precipitadas e violentas do coração não permitem que se emita o menor som...

Mas os seus olhos, como os olhos de todos os amantes que delirantemente se querem, falavam com muito mais eloqüência do que o fariam os lábios.

Sofia lia nas pupilas de Francisco Carlos — nas pupilas do homem a quem, de corpo e alma se dera — a fogueira imensa do amor e desejo que a sua imagem ateara naquêle coração.

Francisco Carlos lia nas pupilas de Sofia — nas pupilas da mulher que fizera desabrochar no seu coração a maravilhosa Flor de Amor — todo o poema de ternura que aquela alma encerrava.

O "Pequeno Bonaparte" enlaçou a arquiduquesa, atraiu-a sofregamente a si, feliz, muito feliz, de a poder, enfim, estreitar livremente nos seus braços, de a poder, ainda que por breves instantes, considerar absolutamente sua...

Sofia, com os olhos velados por uma bruma de infinita ternura, desceu as pálpebras e, numa atitude de cansaço e de languidez amorosa, ocultou o rosto no peito do amante.

Por momentos, o príncipe olhou enlevado, aquela formosa cabeça, em cujas aneladas madeixas castanhas os raios do sol acendiam faúlhas de oiro. Depois, num gesto, ao mesmo tempo suave e imperioso, obrigou-a a erguer a fronte e a olhá-lo. Sofregamente, quási brutalmente, Francisco Carlos, cingiu a si a princesa, cobrindo-lhe de beijos os cabelos, os olhos e a bôca...

— Minha Sofia, minha princesa, meu amor! — balbuciou surdamente o duque de Reichstdat.

— Franz! Meu Franz! — murmurou Sofia da Baviera, abandonando-se tôda, vibrante de paixão, aos beijos do "Aiglon".

Um clarão de alegria e de triunfo fuzilou nos olhos azuis do jovem Bonaparte.

O mais leve frémito que fazia vibrar o corpo da mulher amada, o mais leve rubor que lhe assomava às faces era, para o seu orgulho de homem e o seu coração de amante, uma alegria e um triunfo.

É que êle amava de verdade a princesa da Baviera. As outras mulheres que haviam passado na sua vida amorosa não representavam, afinal, mais do que sucessivos enganos da sua imaginação.

Era Sofia, era essa feiticeira gentil que lhe inebriava os sentidos...

— Franz! Meu Franz! — repetiu ela atraindo-o a si, apertando-o novamente de encontro ao peito.

O abraço tornou-se mais estreito, mais brutal, mais amoroso. E depois, os seus lábios colaram-se com a mais ávida ternura — e os seus corpos uniram-se com a mais delirante paixão.

EUNICE PAULA

A fonte do parque de Schoenbrunn

O duque de Reichstadt em uniforme de tenente, à frente do seu batalhão do 60.º regimento de infantaria «Príncipe Gustavo Wasa» (Litografia colorida de Hauschilde)

Cêna conjugal:

Ela: — Não posso mais. Tornas-me a vida insuportável!

Ele: — E eu!? Não posso aturar mais... O que tens a fazer é ir para junto de tua mãi...

Ela: — Bem sabes que a minha mãi já morreu!

Ele: — Pois por isso mesmo.

■

Entre raparigas modernas:

— E deixastes que êle te beijasse?

— Mais do que isso... Tive que o ajudar!

■

Num dia de chuva, um indivíduo vai ver uma casa que está com escritos. Repara que o telhado está num estado tal que escorre a àgua pelo teto e pelas paredes.

Á saída, o porteiro gaba as boas qualidades do prédio:

— É uma casa magnífica. Tem água em todos os quartos.

— Bem sei — diz o outro — é por isso mesmo que não me serve.

■

O professor: — Menino Alfredo, sabe dizer-me o que seja um hipócrita?

O aluno: — Sei, sim, senhor.

O professor: — Então diga lá.

O aluno: — Hipócrita é todo o menino que vem para o colégio com cara de satisfeito.

■

A mulher, num ímpeto de ternura, pregunta ao marido:

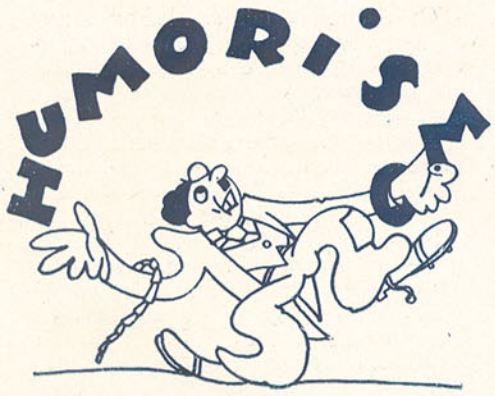
— O que farias tu se eu morresse?

— O que havia eu de fazer? Ia tratar do entêrro que é uma valente estopada.

■

Na fotografia:

— Francamente êste retrato não está bem — observa o fotógrafo examinando



a prova — temos de tirar outro. O sr. nêste retrato está com uma expressão carregada que até mete mêdo.

— Pois é assim mesmo que me convém. É que êste retrato é para mandar à tia de minha mulher, que se prepara para vir passar uns dias a minha casa.

■

O médico: — Não me é possível, minha senhora, curar seu marido do mal de falar quando está a dormir.

A esposa: — Mas não podia então, dar-lhe qualquer coisa para o fazer falar mais claramente, doutor?

■

Uma senhora acaba de ficar viuva. Leva os dias a chorar e o seu desgôsto é tão grande que ela própria se admira. Escrevendo a uma das suas amigas, diz-lhe: "Não podes fazer idéa do estado em que estou. Vem visitar-me, ainda que não seja senão por curiosidade".

■

Um grande proprietário rural despediu o administrador das suas propriedades e êste, ao apresentar contas das sementeiras feitas, ao seu sucessor, mencionava os seguintes produtos, ortogràficamente mal escritos, assim: "Savolas", "bages", "fagões", "celadas", "papinus", etc.

— Mas aqui não há ortografia! — exclama o novo administrador.

— Por êsse nome não sei o que é... — responde o pobre homem — Mas se o sr. faz empenho, semeia-se para o ano.

■

Uma doente imaginária queixa-se ao seu médico:

— Doutor, tenho dôres de cabeça que parecem marteladas; dôres no ventre como se me torcessem os intestinos com tenazes e, finalmente, tenho um ferro em brasa no estômago.

— Diabo! A senhora não é um caso patológico, é uma loja de ferragens!

■

Num comboio:

Um dos passageiros pregunta ao outro:

— Pode-se fumar nêste compartimento.

— Julgo que não. Está ali um letreiro que proïbe fumar.

— Mas então as pontas de cigarros que vejo no chão?

— Devem ser dos passageiros que não preguntaram se podiam fumar ou não.

■

Entre amigos:

— Não te parece que as mulheres faladoras têem mais partido com os homens do que as outras?

— Quais são as outras?

■

Ela: — Estás sempre a censurar as minhas despesas com "toilettes". Mas olha que também tens feito despezas inúteis.

Ele: — Quais, podes dizer-me:

Ela: — Há cinco anos, compraste um extintor de incêndios e nunca mais nos servimos dêle.

■

A mulher furiosa, para o marido:

— Não lhe iludas. Olha que há duas mulheres em mim.

— Pois prefiro mil vezes a outra sem a conhecer.

■

Num restaurante:

O freguês, vendo a ração de carne que lhe serviram, muito pequenina, protesta:

— Esta carne é microscópica.

— Não, senhor. É de vitela.

— É microscópica porque mal se vê, porque é muito pouca, entendes?

— Ah! compreendo... Pois tenha a bondade de provar, e verá que é ainda de mais.

■

O marido para a mulher:

— Anda avia-te, que não temos tempo a perder. Olha que perdemos o combóio.

— Ai, Ricardo! Estou meia morta!

— É o teu defeito! Hás-de ficar sempre no meio de tudo quanto fazes!

Ela: — *Aceitá-lo para marido?! Se há apenas dois dias que o conheço!*
Ele: — *Isso é verdade; mas como receio que me não aceite em me conhecendo melhor...*

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

NO CASINO ESTORIL

No salão do restaurante do Casino Estoril gentilmente cedido pela direcção, realizou-se na tarde do dia 11 do corrente, sob o patrocínio de Lady Selby, esposa de sir Walford Harmood Montagne Selby, ilustre Embaixador de Inglaterra, em Portugal, e levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e da colónia inglesa, actualmente vivendo na Costa do Sol, da qual fazem parte D. Branca de Sommer de Andrade, D. Clotilde de Melo e Faro de Figueiredo, condessa de Murça, condessa de Peniche, condessa de Vil'Alva, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Josefina Arbués Moreira, D. Maria Leonor Madureira, senhora de Abercrombie, senhora de Bucknall, senhora de Gardner; e senhora de Gough, cujo produto se distinava a favor de várias obras de beneficência do Estoril.

Constou a festa de «chá» que foi servido por um grupo de senhoras em trajes regionais, durante o qual se exibiram vários números de variedades, por distintos amadores.

O aspecto do salão do restaurante do Casino Estoril, nessa tarde era verdadeiramente encantador, vendo-se ali reünidas grande número de famílias, não só do corpo diplomático, como da nossa primeira sociedade, de Cascais, Estoris, Lisboa, e da colónia inglesa actualmente passando o inverno na Costa do Sol.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

«NO POLITEAMA»

A favor da Associação do «Enxoval do Recem-Nascido», efectuou-se na tarde de 4 do corrente, no Politeama, gentilmente cedido pela empresa Luis Pereira (Herdeiros), uma interessante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Adelaide Temudo de Sommer, D. Franca Cristino da Silva, D. Irene Arruda de Andrade, D. Isabel Marques Pereira, D. Maria Camila Castelo de Almeida Fernandes, D. Maria do Carmo Lemos Seixas Castelo Branco, D. Maria Emília Cabral da Silva, D. Maria Joana Sarmento de Azevedo Furtado, D. Maria José de Lencastre Correia Viana, D. Maria de Ornelas Monjardino e D. Maria Tereza de Barros da Costa Sacadura, constando a festa da exibição de um sensacional programa de filmes culturais, de desenhos animados e de uma película de grande metragem, terminando o programa por um concerto pela orquestra «Trapalhófona».

A comissão organizadora deve decerto ter ficado satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

CHÁ MÁ-JONG

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte: condessa de Seisal, condessa de Tomar, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria do Carmo de Noronha Husum, D Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Izabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria João da Câmara Bianchi, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, marqueza de Tancos, D. Mary Cohen Espírito Santo Silva, D. Octávia Stromp Martins Pereira, D. Sára Abecassis Seruia, e viscondessa de Almeida Garrett, recebemos com o pedido de publicação as contas da mesma festa, cujo produto se destinava a favor da benemérita instituïção «Preventório de Santa Terezinha», em Colares, e que constou de «Chá-Mah-Jong»:

Receita — 3 930$00. *Despeza* — Licenças e imposto — 280$00; Gratificações — 160$00; Caixa para prémio — 130$00. Total de despeza — 570$00. Saldo líquido entregue a direcção do «Preventório de Santa Terezinha», de Colares — 3.360$00.

«BAILE DE SUBSCRIÇÃO»

Com uma enorme e seleta concorrência, realizou se na noite 28 de Janeiro último, no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, um animado baile de subscrição, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de Carcavelos e Parede, da qual faziam parte D. Ester Muller Elias, D. Helena de Morais Cardoso de Menezes, D. Josefina Lima Basto, D. Júlia Ribeiro da Cunha, D. Maria Adelaide Boto de Carvalho, D. Maria Adelaide Ribeiro da Cunha Azevedo Rua, D. Maria Aurora Reis Neto, D. Maria Clotilde de Almeida d'Eça, D. Maria Clotilde Viana e D. Rosinda Botelho Moniz, cujo produto se destinava a favor da benemérita instituïção «Obra Maternal da Parede», que decorreu sempre no meio da maior animação, chegando por vez a dança a atingir o delírio.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita com os resultados tanto mundano, como financeiro.

Casamentos

Realizou-se na igreja dos Jerónimos, presidido por monsenhor Pinheiro Marques, o casamento da sr.ª D. Marie Louise Elisabeth Dartout, filha da sr.ª D. Maria da Ascenção Dartout e do sr. Paul Dartout com o sr. José Manuel Viana Roquete, filho da sr.ª D. Maria da Graça Iglesias Viana Roquete e do sr. João Ferreira Roquete.

Foram padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Melanie Dartout e o sr. engenheiro Henrique Viana, e por parte do noivo, a sr.ª D. Olinda Pires de Andrade e o sr. dr. António Roquete.

Depois da cerimónia, realizou-se na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche servido pela Pastelaria Marques, seguindo os noivos em viagem de núpcias para o Bussaco, Pôrto e Braga.

— Celebrou-se na paroquial de Nossa Senhora de Fátima, á Avenida de Berne, presidido pelo prior da freguezia reverendo Manuel dos Santos Canastreiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocusão, o casamento da sr.ª D. Matilde Teixeira de Vasconcelos e Sá (Albufeira), gentil filha da sr.ª D. Henriqueta Teixeira Botelho de Vasconcelos e Sá (Albufeira), com o capitão da administração militar sr. António Manuel Bruno Machado, filho da sr.ª D. Maria Amélia Correia Bruno Machado e do sr. Manuel José Machado, já falecido. Foram mrdrinhas as mãis dos noivos e padrinhos o pai da noiva e o sr. General Teles, comandante geral da Guarda Fiscal e da Legião Portuguesa.

Finda a ceremónia durante a qual o professor Rosa de Carvalho, executou no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, á Avenida da República, um finíssimo lanche. Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas seguiram para o Palace do Buçaco onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Arlete de Matos Fraga, interessante filha da sr.ª D. Maria Hermínia de Matos Fraga e do sr. José Alves Fraga, com o distinto engenheiro sr Oscar Baptista Ribeiro, filho da sr.ª D. Emília Pilar de Vila Baptista Ribeiro e do capitão, sr. Mário Baptista Ribeiro, tesoureiro do Instituto dos Pupilos do Exército, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residêndia dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos, um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Por procuração, celebrou-se na paroquial de Nossa Senhora de Fátima, à Avenida de Berne, o casamento da sr.ª D. Maria Carolina da Silveira e Lorena de Magalhães Correia, gentil filha da sr.ª D. Maria Leonor Tomázia da Silveira e Lorena de Magalhães Correia e do vice-almirante sr. Luís António de Magalhães Correia, antigo ministro da Marinha e actual governador dos territórios da Companhia de Moçambique, com o primeiro-tenente aviador, sr. Armando Júlio Reboredo e Silva, que se encontra na Beira, África Oriental, exercendo as funcções de inspector da Exploração da mesma Companhia, filho da sr.ª D. Josefina de Reboredo de Sampaio e Melo e do sr. dr. José Júlio Cezar, fazendo-se o noivo representar por seu pai. Serviram de madrinhas a mãi do noivo e as sr.as D. Ilda Seixas, D. Maria Emília dos Santos Pato e D. Maria de Lourdes de Reboredo Moreira de Campos, irmã do noivo e de padrinhos o pai da noiva e os srs. primeiro-tenente Luís Pinto dos Santos Cardoso, e capitão Américo de Reboredo de Sampaio e Melo, irmão do noivo.

Acabada a cerimónia, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche. A noiva a-quém fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, acompanhada de seus pais seguiu para a Beira, ajuntar-se a seu marido, no paquete «Colonial», no dia 11 do corrente.

Casamento da sr.ª D. Marie Louise Elisabeth Dartout com o sr. José Manuel Viana Roquete. — (Foto, Alvaro Campeão).

Nascimentos

Na Maternidade Dr. Alfredo Costa, assistida pelo ilustre cirurgião professor sr. dr. Costa Sacadura, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Ernestina de Araujo Martins, espôsa do sr. dr. Júlio de Jesus Martins, e filha do nosso presado colega de imprensa sr. Norberto de Araujo. Mãi e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Nidia de Sampaio Garrido de Serra e Moura, espôsa do nosso querido amigo sr. Joaquim Miguel Borja Trindade de Serra e Moura, teve na Maternidade Dr. Alfredo Costa, o seu bom sucesso. Mãi e filha, encontram-se felizmente bem.

— Na Casa de Saúde de Benfica, assistida pelo distinto cirurgião, sr. Dr. Jorge da Silva Araujo, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Pardal Monteiro de Magalhães. Mãi e filho, estão de perfeita saúde.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Margarida de Herédia Cirne Deslandes Correia, espôsa do sr. Marcelino Nunes Correia Junior. Mãi e filha encontram-se felizmente bem de saúde.

— A sr.ª D. Maria Izabel Nogueira de Aguedo Serrano, espôsa do antigo internacional do «Football», sr. Joaquim Serrano, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

D. NUNO.

O famoso pugilista Joe Louis, o segundo negro que conquista o campeonato mundial do soco, prossegue a sua carreira vitoriosa e não se prevê quem possa embaraçar-lhe a situação preveligiada que usufrui

A QUINZENA DESPORTIVA

HÁ periodos na actividade do desporto português de tal forma vasios de qualquer acontecimento notável que é absolutamente impossível ao cronista mais hábil encontrar assunto para comentários de interesse; deparase-nos de momento embaraçosa situação semelhante pois a quinzena nada nos oferece além de muitos jogos de futebol que compõem o programa dominical dos campeonatos nacionais ou dos encontros de competição regional nas restantes modalidades. Se analisarmos a lista de manifestações efectuadas durante êste praso de duas semanas, impõe-se-nos ao espírito a abundância respectiva; não poderá escrever-se com propriedade que o desporto nacional cai em marasmo porque domingo a domingo se contam por muitas centenas as provas activas da sua vitalidade, mas tudo quanto vai passando é da mais banal vulgaridade, presta-se à apreciação de momento mas não tem consistência para críticas doutrinárias ou observações retardadas.

Temos, portanto, que ir buscar alguns assuntos que mereça o interesse do leitor destas páginas, e já que o passado nos não satisfaz voltemo-nos para o futuro.

Está assente que o desporto ocupará o posto que legitimamente lhe pertence no programa de festejos que em 1640 animarão todo o país na comemoração do Duplo Centenário da Fundação e Independência da Nacionalidade; constam diversos projectos, fala-se na hipótese de inauguração do Estádio Nacional cujas obras, contudo, ninguem vê progredir, mas afirma-se com insistência a organização dos primeiros jogos Imperiais que trariam à metrópole os melhores desportistas de todos os territórios ultramarinos, africanos ou do Extremo-Oriente.

Se tal vier a suceder seremos daqueles que mais se regozijarão com o facto, pois pela sua realidade temos pugnado de longa data com todos os recursos ao nosso alcance.

Será talvez oportuno recordar que em Dezembro de 1933 apresentamos ao Congresso de Clubes Desportivos uma tese referente ao intercâmbio desportivo entre Portugal e as colónias cujas conclusões a assembleia aprovou aclamando e que foram incluídos nos votos finais entregues em representação ao sr. Presidente do Conselho. Naquele documento expúnhamos a necessidade de estreitar a ligação desportiva com os territórios do Império e alvitravamos que se organizassem periodicamente os jogos Imperiais, à imagem dos que a Inglaterra promove, "competindo ao Estado o patrocínio e iniciativa desta manifestação importantíssima como factor de portuguesismo, dando a êste termo o sentido da criação dum espírito nacional idêntico em todos os cidadãos portugueses espalhados pelos diversos territórios da Nação».

Vemos agora a ideia em vias de ser posta em prática e acolhêmo-la com entusiasmo, considerando o facto com mais uma vitória dêsse valiosissimo empreendimento que foi o Congresso dos Clubes, onde se previu com profética exactidão todo o evolucionar do mundo desportivo nacional nestes seis anos decorridos.

■

O campeão do mundo do jôgo do soco, o potente negro Joe Louis, combateu de novo em defeza do título de que é detentor e resolveu ràpidamente a contenda em que se arriscou, se é que em verdade se pode escrever que correu risco.

Dois minutos e vinte e nove segundos bastaram-lhe para pôr fora de combate o adversário, o seu irmão de raça John Lewis, antigo campeão mundial dos meio-pesados; tôda a arte de defeza dêste hábil pugilista, graças à qual há bastantes anos conseguia evitar a derrota, foi inéfica, em face do vigor e da classe de Louis, de quem se pode dizer que domina de momento todos os restantes combatentes com uma diferença de superioridade que nem Jack Johnson nem Jack Dempsey provaram nos seus áureos tempos.

O combate foi presenciado por 17.500 espectadores que pagaram bem caro a curta satisfação de ver triunfar o seu favorito, e a excessiva rapidez da decisão representa mais um embaraço para os organizadores aos quais deve afligir o exagerado valor relativo do ídolo dos negros de Harlem, pois não conseguem descortinar candidato a opôr-lhe em condições de interessar o público.

Talvez seja esta a razão que levou de novo o alemão Schmeling a atravessar o Atlântico no ambicioso projecto de conseguir contrato para defrontar, pela terceira vez, o homem que se pode orgulhar de haver sido o único a haver posto fora de combate.

■

Entre o dia em que escrevo esta crónica e aquele em que chegar ao conhecimento dos leitores da *Ilustração*, a equipa nacional de futebol deve ter disputado contra os representantes da Suiça o 42.º encontro da nossa actividade internacional.

O acontecimento, despertou excepcional interesse porque o adversário veiu ocupar desde a época passada, mercê de circunstâncias especiais, o lugar de grande rivalidade que outrôra pertencia aos visinhos espanhois.

Durante repetidos anos a federação portuguesa tentou entabolar relações desportivas com o futebol suiço mas, apezar do afável acolhimento dos dirigentes helvéticos, nada foi possível até ao momento em que a distribuição dos grupos eliminatórios do campeonato do mundo de 1938 colocou os dois países na necessidade de se defrontarem. O resultado de Milão, a derrota nada convincente do grupo português, creou ambiênte para novas lutas a que Lousana e, agora, Lisboa assistiram com interesse.

Derrotado nos dois encontros precedentes pela diferença mínima de uma bola, o grupo nacional que deve ter no passado domingo quebrado o encanto; pelo menos assim o esperamos, embora em matéria de jôgo da bola nunca possam existir presunções que a sorte não consiga contrariar.

Êste jôgo de há quatro dias, que foi o 23.º disputado no país em dezasete anos de competição internacional foi precedido por 13 vitórias nacionais, dos quais três alcançadas no estranjeiro: sôbre o Chile e a Jugoslávia nos jogos Olímpicos de Amsterdão e sôbre a Espanha em Novembro de 1937, e por 7 empates sendo dois de estes obtidos com a França e a Alemanha nos respectivos países. Ficam portanto, no rol, 21 derrotas com o reparo de que adentro das fronteiras só a Espanha (4 vezes), a Itália, Austria e Alemanha se podem orgulhar de nos haver vencido.

Nos seus quarenta e um encontros, o "onze" representativo de Portugal marcou 56 bolas e sofreu 82; as mais pesadas derrotas, recebeu-as da Espanha, 9-0 em Madrid e 5-0 em Sevilha, e da Itália, 6-1 em Milão. As vitórias mais famosas do arquivo foram de 4-0 à Hungria e à França, ambos em Lisboa, e de 4-1 à Itália, no Porto. Os melhores marcadores entre os marcantes luzitanos têm sido Artur de Sousa, que por ainda se encontrar em actividade internacional poderemos supôr que melhore a conta, e Vítor Silva, ambos com 8 "goals" de sua autoria; seguem-se, o saudoso José Manuel Soares com 7; João dos Santos, Waldemar Mota e José Manuel Martins com 4; Armando Martins e Manuel Soeiro com 3; Augusto Silva, Alfredo Valadas e João Cruz com 2; Alberto Augusto, Jaime Gonçalves, João Francisco, Severo Tiago, Otávio Cambalacho, Adolfo Mourão, Nunes, Espírito Santo e Fernando Peyroteo, cada um com seu.

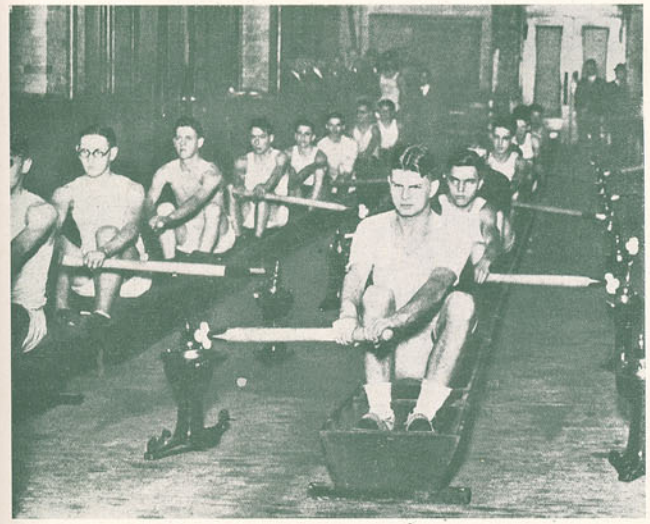
Para as necessidades da sua representação internacional em futebol, a federação portuguesa utilizou 99 jogadores: 11 guarda-redes, 15 defesas, 22 médios e 51 avançados, números que indicam, ponderando a relatividade numérica dos componentes de cada linha no grupo, que os médios e defesas têm sido os elementos de mais larga permanência activa e os guarda-redes e avançados aqueles substituidos com maior freqüência.

Individualmente, são por emquanto detentores do "record" de selecções, o médio-centro Augusto Silva e o avançado direito Waldemar Mota, os quais ambos vestiram 21 vezes a camisola nacional, precedendo Vítor Silva (19), Carlos Alves (18) e Jorge Vieira, Raul Figueiredo e Cesar de Matos (17); dos jogadores ainda utilizados é Artur de Sousa quem vai na vanguarda, tendo jogado no domingo o seu 17.º encontro internacional e Adolfo Mourão, com 11 selecções, o imedtato.

SALAZAR CARREIRA.

Nas estâncias de inverno europêas todos cultivam o desporto; para aqueles a quem faltam recursos atléticos para grandes provas, divertem-se jogando o «curling», espécie de «laranginha» em que as bolas são substituidas por pesados discos que escorregam sôbre o gêlo

Emquanto em Portugal o inverno afasta os banhistas até das Praias inegualaveis da nossa Costa do Sol, os americanos aproveitam o clima temperado da Califórnia para continuarem na água os seus higiénicos divertimentos



A preparação dos remadores americanos intensifica-se no inverno para as competições da primavera, mas é dentro dos ginnásios, ao abrigo da neve e dos temporais que os tripulações adquirem unidade de cadência e aperfeiçoam o estilo

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 32

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 23

(Totalidade — 17 pontos)

QUADRO DE HONRA

ROSA NEGRA, SIULNO E CAVALEIRO BRANCO

QUADRO DE MÉRITO

Erbelo, M. A. P. M., D. Pe-ricles, Mr. Moto, Felix Lobato, Aço, Biscaro, Papa-Almudes, Meio-Kilo, Copofónico, Eusapesca, Alvarinho, Ti-Beado, Ramou Lácrimas, Sol de Inverno, Diriso e Dama Negra — 16. D. Ceias, Homem-Sombra, Tito Lívio, Mr. Dell, Oidimeotnip, Mi-cá, Detective, Coca-Bichinhos, Garida Vieira, Tio-Sam, Mr Chan, Leuzinho, Arlequim, Arthemis, Limanel, Modesta, Lena, Milu e Sevla 15. F. J. Courelas, Cigano, Mirna e Agásio — 13 Larabastro, Tarata, Anjo das Serras, Serrano e Aristofanes — 11

NOVA NOMENCLATURA CHARADÍSTICA

De harmonia com o que expusemos já, nesta secção, iniciamos hoja a nova nomenclatura charadística a qual, para melhor assimilação, deverá ser acompanhada da antiga durante um prazo de tempo, assaz longo. Outros assuntos de técnica charadística merecem reforma mas por agora limitamo-nos à nomenclatura cuja modificação se tornava necessária. Esperamos que todos os confrades, directores de revistas ou secções, nos acompanhem neste impulso em prol do progresso da nossa Arte-ciência.

Eis a nova nomenclatura, posta em vigor:

Charadas antigas, em verso, em frase, liburcianas ou *novíssimas*, passam a designar-se por CHARADAS ADITIVAS.

Charadas mefistofélicas, por CHARADAS ENCADEADAS.

Charadas eléctricas, por CHARADAS REVERSIVAS.

Enigmas figurados, por GEROGLIFOS SIMPLES

Enigmas pitorescos, por GEROGLIFOS COMPLEXOS.

GRUPO CHARADÍSTICO «OS ALEGRES»

Por circular recebida nesta secção foi-nos comunicado a constituïção dêste entusiástico núcleo, dedicado à causa edípica, a quem desejamos as maiores prosperidades:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Manuel Tavares da Silva *(Barão Azul).*
Secretário: António Mário da Silva Belo.

DIRECÇÃO

Presidente: João Luís Roberto *(D. Rupertus).*
Secretário: António E. R. Valleré Olmo *(Dr. Rabanete).*
Tesoureiro: José dos Santos Marques *(Zé).*

CONSELHIO FISCAL

Presidente: Eduardo José Damas.
Relator: Eduardo Rogado Dias *(Mick Cardby).*

COMISSÃO CHARADÍSTICA

Presidente: José dos Santos Marques *(Zé).*
Secretário: António E. R. Valleré Olmo *(Dr. Rabanete).*
Vogal: D. Irene da Silva Soeiro *(Néné).*
Fiscal: João Luís Roberto *(D. Rupertus).*

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

1) Num *giro* que há dias dei — 2
Pelas ruas da cidade
Muita beldade encontrei —
Uns amores — na verdade...

Calendário: Quinta-feira,
O dia da digressão...
Retalhos da «Barateira»...
Saldos de fim de estação...

Intensa de movimento — 2
A cidade regorgita...
Há loiras que são portento...
Quem mais dá? Quem vai na fita?

No Grandela e no Chiado
Há grande concentração!
Passa-se bem um bocado
Com tão grande animação...

No meio da *barafunda*,
Como retalho de chita,
Muito coração se afunda
Com um papel e uma guita...

Quintas-feiras de Lisboa!
São retalhos às centenas
De muita fazenda boa
E corações de pequenas...

Lisboa *Rei-Fera (T. E.) (Póstumo)*

2) Já que falam p'ra aí num tal congresso
E o dito nunca mais é consumado,
Acho melhor e desde já confesso
Que deixem êsse campo abandonado.

Sobe na envergadura e no progresso — 2
O nobre charadismo levantado
— Mas para nesse campo dar ingresso
E' preciso trazê-lo bem cevado!

12) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)

Lisboa *Matina*

Lusíadas, canto IV

Duração há de ter o charadismo — 2
Embalado num mixto de civismo
Que não causa a ninguém qualquer [enjôo;

E há de sempre marcar em tôda a [história
Uma quadra da mais alta vitória
Num sempiterno e inagualável *vôo*.

Lisboa *D. Simpático (T. E.)*

LOGOGRIFO

(Carapuça para velhos «videirinhos» esquecidos do passado)

3) O Gil era, em *rapaz*, esperto, um génio ardente.
1-9-5-7-3
Nascido em berço humilde, em terra *triste* e fria,
10-4-11-1-7
(O que em *regra* acontece a muito boa gente)
10-6 2-12-13
Sentia o *velho* burgo a atrofiar-lhe a ideia.
9-6-4-8-13

E abalou mundo em fora! *Activo*, inteligente,
5-11-6-11-13
Abandonou *contente* a sua pobre aldeia.
1-13 11-8-13
Tinha sonhos de *glória* a povoar-lhe a mente,
10-13-6-13-7
E ousado entrou na *vida*, um tanto à custa alheia.
11-1-4-12-9

Procurou num partido o *amparo* da política.
2-5-11-1-9
Ter um *emprêgo* certo! E rindo-se da crítica,
10-4-6-5-13
Sem ligar importância à *censura* e aos censores,
1-4-6-8-13

Furou, lutou, venceu, mercê da *protecção*.
9-5 11-8-2
E hoje olha, talvez, d'*alto*, a quem lhe deu a mão,
10-13-6-13-4
Quem jàmais foi *ingrato* ou esqueceu favores.

Lisboa *Sileno*

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS ENCADEADAS (Mefistofélicas)

4) Numa *cerimónia* um «*peixe*» saboroso é um prato de *luxo*. (2-2) 3.

Lisboa *Nuninho*

5) Meu «*Deus*», um descrente é teimoso como um burro; para o converter é necessário quebrar-lhe o *ósso do ouvido*. (2-2) 3.

Lisboa *Erbelo (T. E. — G. X.)*

6) A *feiticeira* passa *fome* por não saber ser *ardilosa*. (2-2) 3.

Albarraque *Morenita*

7) A *migalha* de pão estava no «*vaso*» do *soberano japonês*. (2-2) 3.

Vila Serpa Pinto *Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)*

8) A heroina do *romance de Santos Nazaré*, sofreu o *castigo* das suas más acções, porque não *reflectira* antes de as cometer. (2-2).

Algés *Marcolim*

CHARADAS ADITIVAS (Novíssimas)

9) No **intervalo** do *tempo* marcado para a visita à Exposição-Feira de Angola, que aqui houve, cheguei sempre *fora das horas de refeição*. 2-2.

Luanda *Ti-Beado*

10) *Tropecei* mas foi *porque* supus que punha o pé na «*embarcação*». 2-1.

Luanda *Zé da Eira.*

(Ao confrade Ti-Beado)

11) *A consciência*, livre de *mágua*, torna-nos *diferente*. 2-1.

Lisboa *Alvarinho (G. C. L.)*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

O CARNAVAL

Desde o tempo dos romanos, que existem três dias no ano, de loucura e alvoroço, em que todas as extravagâncias são permitidas, e, toleradas coisas que no resto do ano seriam consideradas ofensivas e ninguém admitiria.

No tempo dos romanos chamavam-se êsses dias as Saturnais e êsses dias eram os dias da ralé. Os escravos tinham nesses três dias a liberdade mais completa. Saíam, dançavam, desfarçavam-se e até se permitiam, gracejos com os seus patrões, gracejos que em qualquer outra ocasião êles pagariam com a vida.

Eram também dias de licenciosa vida, aqueles desgraçados oprimidos e martirizados por seus senhores, entregavam-se aos maiores excessos, para aturdirem e esquecerem talvez os seus sofrimentos de todo o ano, sofrimentos atrozes, muitas vezes, que pouco a pouco deprimiam a alma, como enfraqueciam o corpo e justificavam as loucuras, com que se aturdiam, naquele período em que viviam para si no desejo de esquecer.

Mas êsse costume ficou; embora os primeiros cristãos muito tivessem lutado contra êsse hábito, que tornava louca a maioria da população, e, tem persistido êsse costume através de tudo e os anos passam e as tragédias sucedem-se na vida dos povos e volta sempre o hábito de fazer loucuras no Carnaval.

Hoje não são elas o que eram antigamente, mas são ainda dias de alvoroço, escravos não há, mas como o homem vive sempre escravizado às convenções da sociedade, liberta-se nesses dias de todo o constrangimento e pessoas há que perdem a cabeça e, deixam de ter domínio próprio dizendo e fazendo coisas nesta época do ano, que seriam incapazes, estou certa disso, de fazer ou dizer noutra ocasião: é ainda a influência ancestral das Saturnais, que se exerce através dos séculos no homem civilizado, que nesta ocasião se esquece frequentemente que o é, e, que tem de o demonstrar, mas em toda a humanidade existe o selvagem, que aproveita a ocasião para se mostrar.

O Carnaval foi célebre em várias cidades, que o tornavam festa própria. Veneza a cidade dos canais teve a maior celebridade pelos seus festejos de Carnaval, que lembravam pelo atordoamento e pelas loucuras as Saturnais de outras eras.

Roma a cidade Eterna teve também grandes festas de Carnaval e o seu «Corso» foi célebre pela riqueza das equipagens e pelo entusiasmo das batalhas de «coufetti» que se travavam ferozes da rua para as janelas, onde as meninas ostentavam a sua perfeita beleza romana e a audácia no combate.

Mas todos êsses Carnavais esmoreceram de entusiasmo e passam quási despercebidos hoje, êsses dias.

Nice é que mantem ainda vivo e animado o Carnaval em todo o seu esplendor, e, até talvez em tôda a sua loucura, o que nos mostra que o Carnaval floresceu sempre nos países de sol, onde o inverno é doce e a gente pode expandir pelas ruas a sua exuberante e bulhenta alegria.

Nos países frios e nórdicos, o Carnaval passa-se dentro de paredes, em bailes, nos teatros, bailes publicos onde entra quem pode pagar a sua entrada, ou bailes particulares onde se reune uma sociedade escolhida, que perde talvez nessas noites, um pouco da sua costumada reserva, e, são êsses os bailes mais animados do ano.

E é justamente nesses países que são mais animados e mais frequentes os bailes, em que todos são mascarados e em que se nota a predilecção de cada um, pelo trajo que o pode embelezar, ou que corresponde ao seu ideal, na vida, que nem sempre é conforme aos nossos desejos.

Há bailes em que todos têm de ir vestidos segundo a moda duma época e procuram vestir se como os personagens célebres dessa época, com quem supõe parecer-se, não passando muitas vezes de suposição, que em vez de embelezar ou engrandecer, ridicularisa quem a tem e se veste assim.

Mas em geral nesses bailes o trajo é a fantasia de cada pessoa e é gracioso notar, como em geral se manifesta a tendência para focar o momento politico internacional. Se há uma guerra, e até nos países em paz pelos bailes de Carnaval aparecem numerosos trajos dos países em questão.

Quando da guerra da Crimea dizem as crónicas antigas francesas, que no célebre baile de máscaras que se realiza nas três noites de Carnaval na Opera de Paris, se viam numerosos turcos e abundancia de granadeiros, assim como vivandeiras.

Quando da guerra dos boers viam-se numerosos boers e raparigas assim vestidas de cartucheira a tiracolo e chapeu desabado.

Este ano nos bailes em Londres, que começam sempre com grande antecedencia, têm sido os trajos de espanhola os mais cotados. E' interessante notar, que os ingleses adoram os bailes de mascaras e não precisam que seja Carnaval para os realizar.

Para o seu feitio, acham uma escravidão esperar por determinada época, para satisfazer a sua fantasia, mas em geral nesta época do ano são muito mais frequentes.

Num dos recentes bailes foram muito notadas as senhoras que vestiam de espanholas, notando-se entre as mais interessantes Lady Rosepaget com êste trajo à bandoleiro espanhol, que obteve um profundo sucesso, entre as numerosas sevilhanas e gaditanas, que enchiam os salões.

Não foi menos notada Lady Isabel Mackeusie, que atraindo as atenções para a peninsula ibérica, envergava o seu trajo de lavradeira rica de Viana de Castelo, a que já aqui nos referimos.

Sucessos de sociedade que reflectem os sucessos de maior importância que se desenrolam no cenário mundial e que são a preocupação do maior numero de pessoas, que pensam e encaram a vida a sério, preocupando-se com o dia de amanhã, e com a solução dos gravíssimos problemas, que preocupam o mundo e dos quais depende a paz, a tranquilidade e o desenvolvimento dos países, que para se engrandecer e ter uma vida folgada e util, precisam dum ambiente sereno e pacífico, que inspire confiança e faça com que se possa trabalhar e progredir.

Antigamente em Lisboa, quando o Carnaval era sujo, selvagem e barulhento, mas folgazão, havia as chamadas cègadas, que reproduziam fielmente as preocupações mundiais, nas cègadas, com essa facilidade que tem o nosso povo de apanhar o lado cómico das coisas, nós viamos passar uma como que revista do ano, onde muitas vezes os esfarradas, que faziam a cègada apresentavam com uma certa graça o estado da política entre nós, e, também da política mundial.

O Carnaval época de folia lembrava também assuntos sérios e muitas vezes conseguia torná-los comicos, e fazia-nos ver com um sorriso o que se apresentaria no resto do ano com o aspecto grave duma preocupação.

A vida é sempre cheia de preocupações, mas que aceites com um certo bom humor, se tornam mais faceis de suportar e mais leves e era esta a lição que se tirava da apresentação das cègadas, que visavam com a sua critica ingénua os políticos, que mais interessavam a opinião pública.

Agora é um meio mais elegante que se nota a preocupação do momento, embora ela se manifeste pela exibição de graciosos trajos, que a beleza feminina faz realçar e torna gentis as senhoras que os apresentam, mas quem não ha de pensar ao vê-las rodopiar ao som duma langorosa valsa de Strauss, ou saltitar num endemoninhado «fox-trott», nas victimas da cruenta guerra e nas espanholas, que trocaram a sua garrida mantilha branca, pregada com um molho de ervas vermelhas, pelo negro veu da viuvez.

E é assim a vida, que o Carnaval, reflexo político, nos desenrola perante os olhos, mesmo nos dias de folia, em que se querem esquecer as coisas tristes, no atordoamento de momento, o que nem sempre se consegue.

Maria de Eça

O casamento da joven e simpática princeza Maria de Saboia, a filha mais nova dos reis de Itália, a benjamina querida de toda a família, veio pôr em foco a família que reina na Itália, e que a todo o mundo se impõe pelo exemplo, que é a sua vida.

Aqueles que ocupam lugares eminentes na sociedade não conseguem ter vida privada, porque a curiosidade geral se encarrega de tornar pública a vida íntima dos que por hereditariedade ou talento se encontram à frente dum país e o representam.

Os reis de Itália conseguiram atravessar a vida duma maneira, que é um verdadeiro exemplo de moral e honestidade. Quando Victor Manoel herdeiro dum trono, do país, mais belo, talvez, de tôda a Europa, e, sem dúvida o de maior património artístico e de mais antigas tradições, pensou em casar, não escolheu nova, como poderia tê-lo feito entre as princesas dos grandes estados europeus a quem podia pretender e a quem sorriria talvez a ideia de serem a rainha dum tão encantador país.

Modestamente, como modesto tem sido em tudo, embora possua uma grande inteligência e uma vasta cultura, voltou os seus olhos para o pequeno reino do Montenegro onde brilhava como perola em escrinio de joias, a beleza incontestável da princesa Elena, filha do rei Nikita, como o seu povo o chamava.

Nascida creada e educada numa família, em que as virtudes domésticas e a vida simples era presada acima de tudo, a princesa Elena tinha também a beleza enorme e perfeita das mulheres do seu país, e, o que é importantissimo para o homem que funda um lar e quer constituir uma família; uma saúde perfeita.

Mas não foram só estas razões que bastariam para tornar esse casamento interessante que o levaram a procurar a princesa Elena, o amor essa chama que se não acende apenas com a razão do Estado levava o a preferir a filha das montanhas, ás princesas de requintadas côrtes.

E os anos passando sôbre essa abençoada união vieram demonstrar-nos a inteligência dessa escolha.

Os reis de Itália têm dado ao mundo o mais lindo exemplo duma vida de família exemplar, unidas com um forte sentimento, êles tiveram filhos formosos e saudaveis, belos de corpo e perfeitos de alma.

A sua vida nunca foi uma vida de ostentação, a filha do Montenegro manteve na capital do luxo e no país das grandezas, os gostos simples com que principiou a sua vida.

Os palácios maravilhosos, a côrte, o ambiente de grandeza que se respira em Roma, não alteraram o seu caracter firme como as rochas dos seus montes, e, ela preferia a paz da vida nessa modesta «Vila Saboia» na Via Nomentana, ao luxo dos salões do Palácio Quirinal.

É foi ali nesse ambiente de família, que creou e educou as suas filhas e o seu filho, incutindo-lhes o gosto da simplicidade. Foi ela a mãi, que quando a sua filha mais velha, a bela Yolanda, se apaixonou por um simples oficial de cavalaria o conde Calvo di Bergolo intercedeu, para que realizasse o seu sonho de amor.

Quando a segunda a loira princesa Mafalda se apaixonou pelo principe de Hesse também as razões de Estado cederam perante um coração apaixonado. E se Joana a terceira e formosa princesa, montenegrina de aspecto, casou com o rei da Bulgaria é porque livre, se sentia capaz de ser a esposa perfeita dum rei.

E Maria a linda Maria a mais nova e a mais acarinhada casou também segundo o seu coração, com um homem sem trono e mais velho quinze anos do que ela, mas como o ama, êle parece-lhe o maior rei do mundo e o mais belo e mais novo principe.

É dessa família tão honesta tão correcta que vive numa exemplar união, partilhando dores e alegrias, e ainda ha pouco isso se demonstrou adiando o casamento de Maria, por motivo da doença de Mafalda princesa de Hesse, não podem deixar de saír, esposos modelares, que ao criar novas famílias dêem o exemplo do que deve ser um lar onde se crê em Deus e se venetam as virtudes, que tornam o homem digno dêsse nome.

Certamente assim o compreenderão as mulheres de Portugal, que desejarão a essa princesinha de grandes olhos de veludo, de frondosa cabeleira negra, de pele morena e assetinada todas as felicidades, e uma união tão perfeita com seu marido, como o tem sido a exemplar união de seus pais os soberanos de Itália, que souberam viver para a sua felicidade, dos seus filhos e do seu país, tão engrandecido durante o seu reinado.

Maria de Eça.

A MODA

Numa época de divertimentos como é o Carnaval a moda trata com mais carinho as «toilettes» de noite e os seus acessórios, o que não é para admirar, nas últimas semanas que precedem o Carnaval, os divertimentos sucedem-se, a gente nova folga e ri e os que já o não são alegram-se e animam-se com essa simpática e contagiosa alegria, porque se o Carnaval das ruas tende a desaparecer e não inspira a menor simpatia, o Carnaval das salas pretexto para reuniões, tem ainda numerosos adeptos.

É pois necessário que as senhoras que frequentam bailes tratem das suas «toilettes» e estejam prevenidas e comecem a acupar-se dos seus arranjos, que as tornarão mais belas nas festas em que aparecerem.

É sempre um desejo da mulher brilhar e fazer um papel interessante, por isso se ocupa com tanto prazer do seu vestuário, quando aparece em público, embora não deva nunca abandonar a sua «toilette» mesmo em casa e na vida de família.

O arranjo e o cuidado na sua aparência é uma obrigação para a mulher, que sabe qual é a sua obrigação neste mundo, nada mais feio e triste do que ser uma senhora desleixada no seu vestuário. É preciso nunca caír no exagero, nem pinturas excessivas, nem fazer da «toilette» o fim único da vida, nem tão pouco desprezá-lo e ter um lamentável aspecto de desmazelo.

Para uma festa íntima, um jantar, temos um lindo modêlo de vestido do mais gracioso efeito, e, duma grande simplicidade de linhas que convém á mulher de corpo esbelto e harmonioso.

Em setim maleável preto é guarnecido na frente e nas mangas com aplicações de flores recortadas em veludo preto e veludo branco. Esta guarnição simples e delicada dá ao vestido muita graciosidade e uma distinção que só na simplicidade se consegue porque as guarnições vistosas nem sempre dão o desejado efeito e tornam vulgares os mais elegantes vestidos.

Como «toilette» de baile temos um encantador vestido do mais belo efeito e que é recomendável a qualquer menina ou mesmo senhora nova.

Em tule azul pálido assenta sôbre setim da mesma côr. A saia é tôda em folhos não muito largos e debruados tôdos a «lamé» de prata.

PÁGINAS FEMININAS

A borda do decote é tôda guarnecida a flores de veludo do mesmo tom que assentam sôbre um folho debruado a prata, como os folhos da saia. Na cintura uma tira de «lamé» de prata que forma uma laçada atraz.

O penteado, quando o cabelo não fôr platinado, deve ser empoado com um ligeiro prateado e é guarnecido por flores de veludo azul iguais ás que guarnecem o decote. É uma «toilette» vaporosa e leve, que ficará igualmente bonita em branco, rosa pálido, ou verde água.

Porque temos sempre que lembrar que nem tôdas as côres favorecem e que é necessário escolher o que fica bem e realça um tipo de mulher, o que deve suceder com êste vestido se a côr se harmonisa com o tom de pele.

Para abafo de noite um elegante casaco em arminho branco da Rússia, descendo apenas até ás ancas, êste casaco tem o gracioso aspecto dum vulgar casaco de rua, com as suas bandas e a sua gola género alfaiate. Confortável e elegantíssimo é do maior «chic» e fica bem com qualquer «toilette».

Neste momento a mudança de penteados traz hesitantes algumas senhoras, escusado é dizer-lhes que não é obrigatório o penteado alto, e, que se deve sempre procurar o que melhor vai ao rosto e ao feitio da cabeça.

Apresentamos hoje um lindo penteado da última moda e que está indicado ás senhoras a quem fica bem o penteado alto.

Duma grande simplicidade tem uma elegância de linha que modela a linda cabeça que o apresenta; o caracol ao alto na frente forma um encantador diadema; é o penteado ideal para a cabeça perfeita e o perfil correcto.

O RECEM-NASCIDO

Há ainda muita senhora que ignora a maneira de tratar um recem-nascido e os cuidados a dar-lhe. No povo a mulher não tem a noção do que se deve fazer á criança e é lamentável ver dar a crianças dum mês, açôrda e outros alimentos impróprios para a sua alimentação e que fatalmente lhe arruinarão o estômago e portanto a saúde.

Quando se dá a grande infelicidade da criança perder a mãi, ou desta a não poder crear e não poder tomar uma ama, é necessário o maior cuidado com a sua alimentação.

No primeiro mês a criança deve estar num sossêgo absoluto longe de tôdos os ruídos e

mergulhado num sôno reparador. Todos os dias deve ser banhado e envolto em roupas limpas.

No primeiro dia não se deve alimentar, apenas umas colherinhas de água com açúcar. No segundo dia inicia-se o alcitamento artificial começando com 10 gramas da seguinte mistura $^1/_3$ de leite e $^2/_3$ de água, dando se seis vezes ao dia, e de duas em duas horas.

Cada dia aumentam-se 10 gramas em cada mamadeira de maneira a que a criança ingira ao sétimo dia, sessenta gramas de cada vez que mame, depois duma semana deve tomar cem gramas de cada vez aumentando progressivamente até 150 gramas em cada mamadeira, seis vezes ao dia. Para evitar o excesso de açúcar é melhor temperar o leite e a água na quantidade total, uma colher de sobremesa nos primeiros dias, uma a duas colheres de sopa nas semanas seguintes.

No terceiro mês diminue-se a porção de água e passa a ser $^1/_3$ de água e $^2/_3$ de leite, ao oitavo mês dá-se o leite completo vigiando sempre a digestão da criança Uma vez por dia deve dar-se á criança sumo de laranja com açúcar ou sumo de tomate. Isto é indispensável para manter a criança com o ventre livre. Ao mais pequeno incómodo deve consultar-se o médico para evitar complicações. Deve haver o maior cuidado com adesinfecção das mamadeiras que devem ser fervidas sempre que servem.

CÈREBRO RECEPTOR

Há possibilidades extraordinárias no cérebro humano, algumas ainda desconhecidas e que não assombram quando se manifestam.

As possibilidades do cérebro humano são infinitas e agora da Polónia comunicam um facto que é admirável, e, que prova que há cérebros com a faculdade de receptores da T S F.

Um engenheiro chamado Ramau, de Godz, queixou se que logo que a estação emissora da sua cidade começa as transmissões, o seu cérebro recebe tudo o que está sendo transmitido. Esta sensibilidade manifesta-se mesmo a dois quilómetros de distância do posto emissor, o que se torna um martírio para o pobre engenheiro.

Vários médicos especialistas o examinaram e chegaram apenas á conclusão que êste homem possue uma inexplicável faculdade no seu cérebro, que torna possível, para êle, receber transmissões da Telefonia e Telegrafia sem fios.

Se isto começa a manifestar-se em muita gente, lá se acaba o negócio dos aparelhos de telefonia, o que será dum desastroso efeito para os industriais e comerciantes e de grande economia para os amadores.

HIGIENE E BELEZA

Com o frio, como com o excessivo calor, a pele resente-se sobretudo nas senhoras que têm a tendência para se lhe abrir os poros na pele do rosto.

Eis aqui uma receita que atenua êsse defeito, que se pode disfarçar embora nem mesmo nos melhores institutos de beleza se possa conseguir a sua cura.

Borato de soda 4 gramas, Éter sulfúrico 10 gramas, água de rosas 25 gramas, água destilada 125 gramas.

Lava-se a cara com água morna e com sabonete Panamá, em seguida embebe-se um pouco de algodão hidrófilo com a loção e passa-se na cara.

Depois aplica-se o seguinte pó: Óxido de zinco 20 gramas, Talco 20 gramas, pó de arroz 2 gramas, extrato de violetas 2 gramas.

Não usar crèmes gordurosos e os que o não são só de primeira qualidade.

À noite para tirar a «maquillage» usar azeite puro vírgem e tira-la com leve algodão embebido no azeite, enxugando com leve algodão bem a cara para não sujar a roupa da cama. Não aplicar rouge de má qualidade.

DE MULHER PARA MULHER

Mãi apaixonada: A menina de treze anos já não tem idade de se mascarar é ridículo, parecem mulheres, para o pequenino tem a máscara de gato, que é engraçada e não o constipará, mas tenho a impressão que mascarar as crianças pequeninas é maça-las, e, só divertimento para os grandes que se divertem a vê-los.

Mary: Nunca devemos preocupar-nos com essas pequenas coisas, tão mesquinhas e não têm interesse algum, não deve interromper um trabalho tão interessante e de tão grande alcance, por uma tão insignificante apreciação. É preciso ter coragem na vida e não desanimar ás primeiras críticas, quando elas não têm razão de ser.

Aida: Um vestido em tule côr de rosa irá a matar com êsses olhos castanhos e cabelos loiros. Como cinto uma tira em veludo azul Nattier e um ramo de missotis em veludo no hombro ficará encantadora.

RECEITAS DE COZINHA

Bolo Albertina: 250 gramas de açúcar, meio pacote de farinha de batata, 7 ovos; mistura-se o açucar com a farinha. Depois deita-se numa tijela esta mistura, ás colheradas das de sopa, cáda colherada que se deita parte-se um ovo do qual se deita só a gema e meche-se muito bem; faz-se isto até empregar toda a farinha e os sete ovos.

As claras são batidas separadamente e deitam-se no fim. Unta-se um taboleiro com manteiga deita-se-lhe a mistura e vai ao forno.

Quando estiver bem cozido tira-se, deixa-se arrefecer um pouco, corta-se ao meio. Entre as duas partes põe-se um créme de baunilha ou qualquer dôce de fruta ao gosto.

Em seguida faz-se uma pasta grossa de vinho do porto e açucar e barra-se muito bem o bolo, enfeitando-o querendo com paralines.

É uma esplendida sobremesa do mais fino sabor, pode também ser servido ao chá.

Fígado de vitela assada com puré de cebolas: Nada ha de mais fortificante e melhor para a saúde do que o fígado de vaca ou vitela principalmente para as pessoas anemiadas.

Eis uma maneira de o cozinhar:

Compra-se um quilo de fígado de vitela e parte-se em bifes não muito grossos; temperam-se com sal e pimenta; vinho branco, salsa e um quási nada de louro. Deixam-se estar nêste têmpero uma hora ou mais.

Passam-se ligeiramente nas brazas e depois numa fregideira com bom azeite ou banha de porco, quando estão bem passadas, junta-se lhe cebolas já cozidas e cortados às rodas, e podem também deitar-se pedacinhos de presunto para lhe dar melhor paladar.

Serve-se com esperregado de nabiças e batatas fritas.

Abobora au gratin: Faz-se um puré de abobora ao qual se junta queijo gruyére ralado, em bastante quantidade e duas gemas de ovos. Enche-se um prato de ir ao forno com êste puré e polvilha-se com pão ralado e manteiga derretida. Vai ao forno a corar.

PENSAMENTOS

Quem se vence a si próprio mostra mais coragem do que quem conquista muitas cidades fortificadas. A coragem não pode ir mais longe.

Ovídio.

A Dor é o arado de Deus: rasga o corpo do homem, insinua-se até á alma, para que o seu calor interior desperte e faça dum lume amortecida um vulcão em maré de fogo, erguido para as alturas.

Leonardo do Coimbra.

Quási nunca, principalmente na mocidade é incurável uma doença, enquanto não está contaminado o espírito. Se o espírito mais débil e mais fraco se der a um trabalho contínuo, não terá tempo de caír doente. Com a ociosidade morre-se. O aço que não serve, enferruja.

Bulwer.

O homem é assim feito, quando um assunto o inflama a impossibilidade desaparece do seu espírito

Nada pesa mais do que um segredo. Levá-lo longe, pesa á mulher, e não só a ela como também a muitos homens.

Nada conquista o espírito como a lisonja, embora grosseira e sem disfarces.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — V. 4, 3, 2
Copas — 2
Ouros — A. 4, 3, 2
Paus — A. 4, 3, 2

Espadas — R. 10, 9 / Copas — R. D. V. / Ouros — R. D. V. 10 / Paus — D. V. 10 — **O**

N — Espadas — D. / Copas — 10, 9, 8, 7 / Ouros — 9, 8, 7, 6 / Paus — 9, 8, 7, 6 — **E**

S — Espadas — A. 8, 7, 5 / Copas — A. 6, 5, 4, 3 / Ouros — 5 / Paus — R. 5

Trurunfo espadas. **O** joga R. de ouros; **S** faz meio-chelem.

(Solução do número anterior)

(a)

S joga D *c*, **O** — R *c*, **N** — A *c*, **E** — 8 *c*.
N » A *c* e **S** — 4 *o*.
N » 2 *c* e **S** faz 9 *c* e V *c*, tendo **O** de baldar-se a V *p* e **N** — 2 *o*.
S joga R *o*.
S » 5 *o* e **E** não pode defender espadas e paus.

(a) Se **O** — 7 *c*, **N** — 2 *c*, **E** — 3 *c*,
S — 9 *c*, **N** — A *c*.
N — A *e*, **S** — 4 *o*.
N — 2 *o*, **S** — R *o*.
S — V *c*, **O** tem de baldar-se a V *p*, **N** — 3 *o*.
S — 5 *o*, **N** — A *o* e **E** não pode defender nem paus nem espadas.

Auditores imprevistos

Foi oficialmente anunciado que a rádio inglesa, a célebre B B C, está preparando emissões de concerto especiais··· para cães!

Parece ter sido notado que os cachorros, dão mostras de escutar com grande apreço e inteligência, junto dos auto-falantes.

Mas sabem qual é o animal mais sensível à música?

Segundo estudos que a êsse respeito se têm feito ·· é o sapo!

A êstes, porém, é de crer que não se dediquem emissões especiais!

Um médico da Índia, de nome Sir Temulji Mariman, celebrou há pouco, com sua mulher o 85.º aniversário do seu casamento.

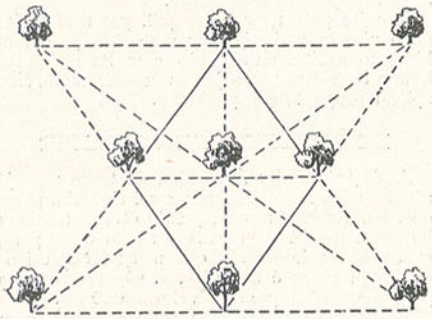
Casaram em 1852 quando tinham ambos cinco anos de idade e viveram sempre felizes desde então. Naquela época, êstes casamentos entre crianças eram muito vulgares na Índia.

O homem mais avarento da Inglaterra

Morreu há pouco tempo com a idade de 86 anos, o homem mais avarento da Inglaterra, Albert John Grave. Deixou ao Tesouro britânico, tôda a sua fortuna, fruto da sua avareza. Grave vivia em Bristol num quarto miserável e alimentava-se com restos de cozinha que os seus vizinhos lhe davam por terem dó dêle. Ninguém poderia imaginar que êle tinha dinheiro e foi uma surprêsa enorme, quando após a sua morte, na gaveta dum velho armário se encontrou um sobrescrito contendo cadernetas de Bancos e valores para cima de trinta milhões de francos. No seu testamento, Grave legou tôda a sua fortuna ao Estado inglês para redução da dívida pública da Grã-Bretanha. As autoridades inglesas tomaram posse do tesouro e ordenaram um inquérito para desvendar a origem misteriosa daquela fortuna.

A plantação

(Solução)



Aqui estão as nove árvores em dez filas de três árvores cada uma.

Coração á esquerda... e á direita

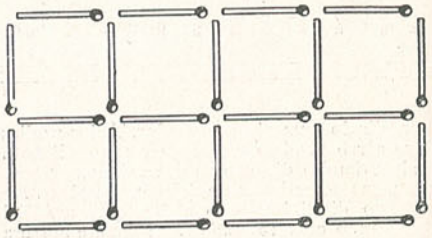
Há pessoas, como se sabe, que não têm coração. Não é êste, decerto, o caso dum rapaz que, segundo dizem de Sydney, na Austrália, possui uma extraordinária constituïção.

Trata-se dum camponês ùltimamente hospitalizado naquela cidade, no hospital de Perth. Graças à radioscopia, pôde verificar-se que no peito batiam dois corações, ambos de volume diferente, e o maior situado à direita!

Como se pode calcular, semelhante fenómeno despertou em todo o país uma onda de curiosidade, e a Universidade de Sydney ofereceu ao possuïdor dos dois corações, um milhão de francos para êle lhos ceder, depois da morte e ter assim essa glória póstuma.

Quantos quadrados?

(Problema)



Eis aqui 22 fósforos dispostos de maneira a formarem um certo número de quadrados.

Os problemas que lhes apresentamos, são os seguintes:

1.º — Quantos quadrados se vêem aqui presentemente?

2.º — Quais são os dois fósforos que se hão de tirar, de modo a ficarem sete quadrados?

Os nomes escondidos

(Passatempo)

Nas duas listas de nomes que abaixo se lêem, estão escondidos outros nomes; na lista masculina um nome masculino e na lista feminina, um nome feminino.

A primeira letra de cada um dêles encontra-se no primeiro nome de cada lista; a segunda no segundo nome e assim por diante.

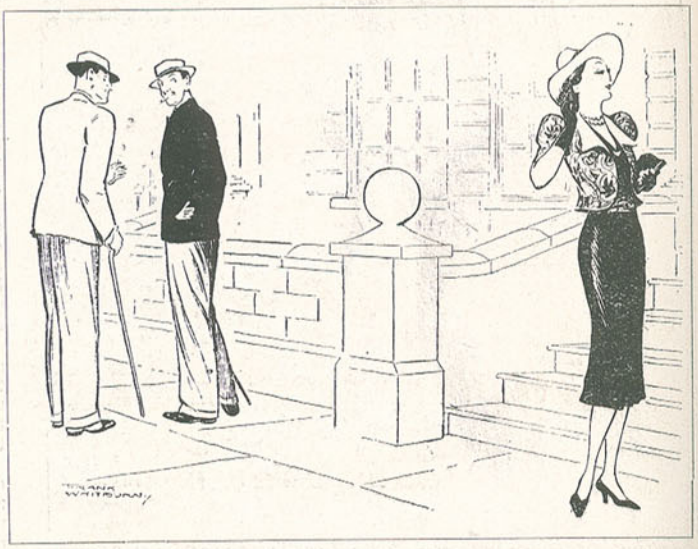
Quais serão êsses dois nomes escondidos? Queiram dar-se ao trabalho de os procurar.

Vicente	Luiza
Isidro	Julieta
Miguel	Elena
Arnaldo	Maria
Silvério	Lídia
Edmundo	Flora
Rodolfo	Diana

Aritmética

(Solução)

Tôda a gente dirá logo: 100 vezes ou 99 vezes. Mas qualquer dessas soluções é errada. A verdadeira solução é: uma única vez, porque o segundo fósforo não será subtraído de 100 mas sim de 99 fósforos; o terceiro, de 98 fósforos, o quarto de 97, etc., etc.



— Quando vou para casa, depois de vêr aquela rapariga, dá-me sempre vontade de me enfiar pelo chão abaixo.
— Ora essa! Porquê?
— Ela alugou, há pouco, o andar por baixo daquele em que eu móro!

(Do «The Humorist»).

Que indica o seu horoscopo?

Encarregue o professor SAHIBOL LAKAJAT de lho dizer gratuitamente. Deseja V. Ex.a conhecer o seu porvir tal como as estrêlas o indicam? Quere V. Ex.a saber se o seu futuro será próspero, como decorrerá a sua vida, tudo quanto respeita ao matrimónio, amor, jôgo, herança, os seus números de sorte, os maus e os bons tempos, enfim tôdas as informações possíveis, que lhe serão de uma utilidade incontestável?

Tôdas essas particularidades lhe serão indicadas, absolutamente grátis, pelo PROFESSOR SAHIBOL LAKAJAT. As suas profecias e conselhos já proporcionaram a milhares de pessoas a felicidade e o bem estar. Se alguém duvida do talento dêste professor faça a experiência e ela convencê-lo-á. Querendo utilizar-se desta ciência maravilhosa, mande hoje mesmo o seu nome e endereço, bem como a data do seu nascimento, sexo e estado, e junte uma madeixa dos seus cabelos. V. Ex.a receberá um horoscopo INTEIRAMENTE GRATUÍTO (Pode-se juntar estampilha para a resposta). Uma carta para Holanda necessita uma estampilha de 1$75.

Direcção: **PROFESSOR SAHIBOL LAKAJAT** — *Dep. 416|A Postbox, 72 Prinsestra at, 2 Den Haag-Holanda*

À venda um novo romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA COSTA**

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 6-3-1913 sob o N.° 28

RHEUMATISMO-GOTA NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc, **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR QUE NÃO AFECTA A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Indispensável a Juízes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO **DR. LUÍS DE PINA**

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, **30$00**; pelo correio à cobrança, **33$00**

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

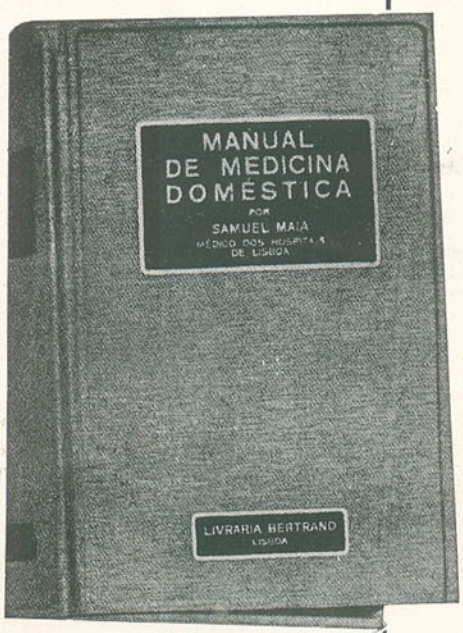
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência.** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente**. recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

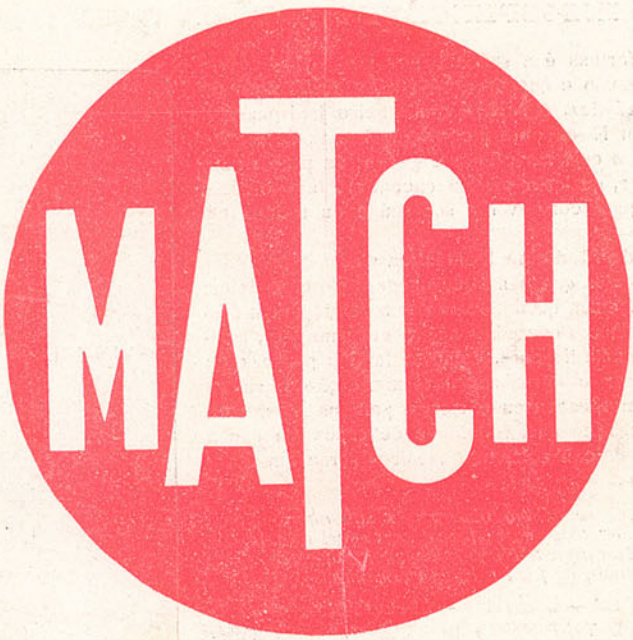
LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

O mais económico

O mais interessante magazine mundial

O DE MAIOR TIRAGEM

O de mais actualidade que se publica em Paris



FORMIDAVEL DOCUMENTÁRIO

dos mais palpitantes assuntos

48 págs. profusamente ilustradas, apenas

Esc. 2$60

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA